

BRASIL-PORTUGAL

1 DE ABRIL DE 1900

N.º 29

Rio de Janeiro



CASCATA DA TIJUCA

A Família Brasileira

O MUNDO de raças diferentes, formada ao influxo de ideias e sentimentos desencontrados, parece que á familia brasileira deveria faltar a simplicidade, a feição meiga que sempre a caracterizou e a faz adoravel aos olhos que a vejam de perto, com vista limpa de prevenções.

Estamos ainda perto dos tempos incultos; dir-se-ia que temos a alma selvagem, nua de traças e enganos com que nos paizes velhos é de uso enfeitado.

Na soleira da mais humilde casa brasileira, poder-se-ia ainda gravar em letras de ouro o symbolico — Entrae — revelador.

Esta feição patriarcal e doce, eu quizera sabel-a conservada perpetuamente em meu paiz, como o melhor apagaio do seu coração, porque nenhuma é mais comvente nem melhor. Entrae, que, se estivermos á mesa, repartiremos alegremente comvoco o nosso feição frugal, ou a mais exquisita caça das nossas selvas; entrae, que, se tiverdes frio, haverá quem se apresse a assoprar uma acha, ou se tiverdes sede, quem vol-a mate com agua limpida.

Não temos os voluptuosos requintes do luxo europeu, vivemos como podemos, e está nisto, aliás tão simples, todo o nosso elogio.

Pouco ou muito, mal ou bem, é sempre com alegria que pomos mais um talher á mesa, ou que fazemos a cama para o nosso hospede. Em casa brasileira ha sempre pressa em ver quem bate á porta, e nunca se faz esperar uma visita. Sirva este periodo de synthese ao artigo.

Este sentimento é bem forte e espero que triumphará de todas as transformações que as turbas mescladas que nos invadem, vão incutindo na nossa familia, quando transplantam para o nosso solo as raizes das suas crencas e dos seus costumes.

Dizem que somos um povo sem tradições, o que não é justo, embora esse desamor, se tal desamor houvesse, que não ha, pela religião e pela historia, fosse ainda explicavel pela communhão de raças diferentes.

Attribuem outros ao clima um certo abandono que temos pelas coisas passadas, sem que lhes acuda á lembrança haver nas nossas variadissimas regiões, umas em que a neve inutiliza os fructos, e outras, na mesma estação, em que o sol afoqueia os campos e amorcece as tardes.

O motivo será outro.

Tradição ao pé da letra deve significar — saudade — e para nós o mundo e a vida são, e serão ainda — esperança.

Estamos na alvorada. O leite com que criamos nossos filhos tem ainda aroma agreste, seiva da planta florestal doce e fecunda. A nossa Biblia é a mais recente da Terra, nasceu do beijo de Diogo Alvares e Paraguassú, e é comparticipante do que nas duas raças criadoras ha de maior fundamento — o amor.

É o amor que a familia brasileira excede outra qualquer, é no amor que ella pode ser louvada ou ser ferida, porque todas as suas virtudes ou todos os seus defeitos nelle tem a sua origem proxima ou remota.

O nosso coração não tolera por enquanto disciplina nem sustenta severidades educativas. A natureza tem sido até agora nossa melhor mestra, e aquella a que nos entregamos com maior confiança. Disse *por enquanto*, porque os costumes alteram-se, sente-se a palpitação de uma vida nova, incipiente, impossivel de determinar.



D. JULIA LOPES DE ALMEIDA

dencia sentimental, revelada nos olhares com que os homens vêm, disse elle, em geral, as mulheres que passam. E acrescentava não me lembra com que palavras, que em nenhum paiz as mulheres são tão felizes como no Brasil...

Não sei; mas affirmo que em nenhum paiz a mulher ama com tamanha dedicação e tão absoluta sinceridade.

É o sangue quente da mãe cabocla, perdida nas nevoas de um passado rude, que desabotou nos corações brasileiros estas flores milagrosas do amor, que nem a velhice emmurchece; é a alegria do sangue portuguez tão amoravel, que prolonga esta mocidade de sentimento mesmo atravez das ruínas da carne e do sonho; porque a mulher brasileira guarda para a maternidade, e até á morte, toda a frescura do coração que nem a dor nem a desillusão endureceram.

Por isso erra; pecca por extremada.

Se bastasse ternura para o aperfeiçoamento das almas, as de nossos filhos seriam ideaes! A mãe brasileira perdô todas as culpas, abre os braços a todos os arrependimentos, fecha os olhos a todos os erros, abre-os á irradiação das boas acções, não pune, não educa, não corrige, revolta-se contra as oppressões, não prepara os filhos para a Vida; mas tambem não os expulsa, não os engaita; filho ou não filho do peccado, dá-lhe o peito, lucha por elle, e se por elle morre, inda o seu gesto esboça no ar a benção divina em que paira toda a sua alma.

Isto de mandar um filho pequeno para outras terras, como faz a europeia, á busca do pão que mingia em casa ou falta completamente, é coisa impenetravel ao seu entendimento.

A mãe brasileira guarda os seus filhos com egoismo de fera, seja o lar aspero, embora.

São creaturas suas, flores dos seus beijos, nascidas da sua carne; defende-as; dal-as a outros, mandal-as para outros logares de furtura, para outros aões, outras riquezas, doer-lhe-ia tanto como arrancar-lhe do seio o coração. Elles que se consumam, que soffram e que a vejam soffrer, que lhe assistam ás angustias mas que fiquem, que não se arredem nunca do seu regaço e do seu carinho.

Esta fonte de amor um pouco barbara, porque o proprio amor carece de polimento, faz de nós um povo simples, e é della talvez que dimanam os nossos costumes. Attribuem todos os nossos males á nossa má cabeça; não seria mais justo attribuil-os ao nosso bom coração?

Ha na mãe brasileira uma qualidade sobre todas sympathica, o exemplo do trabalho.

A mulher brasileira, ao invéz do que se pensa lá fóra, não recua deante de qualquer preconceito banal.

Mesmo depois de ser rica, se a pobreza lhe vem bater á porta, ella sabe para a rua e, americanamente, o que aqui significa — sem rodeios — procura na esphera da sua educação trabalho que lhe dê para manter-se ou para manter os seus, desde que lhe falte o forte apoio do homem.

Desse exemplo alguma coisa ha de ficar para a perduração da nossa sinceridade, da nossa singleza, da nossa magnanimidade, do conjuncto emfim de muitas qualidades que nos devem tornar sympathicos a quem nos veja claramente de perto.

Sementes boas leva-as o vento! mas nem todas hade levar, muitas cabirão em torno das arvores benditas para se transformarem em novas flores e em novos fructos!

Rio de Janeiro.

Julia Lopes de Almeida.

Um escriptor portuguez que não ha muito nos visitou, surpreendeu na mobil e ficticia feição da rua, uma grande condescen-



A Pintura no Brasil-colônia



CONDessa DUQUE ESTRADA

O conjunto desses factores, que é: por um lado — o sentimentalismo morbido correspondente à nostalgia do *incógnito domado*, e a tendência imitativa, por seriedade, que resultou do *viatismo africano*. De ambos esse terá sido, a par do *selecção*, a sensibilidade emotiva para os seres e a sensacional para as cores.

De outro lado receberá as predisposições do factor branco que, por sua condição de civilizado e por sua superioridade biológica, se tornou o combinador *psycho-physiologic* e, portanto, o *aperfeiçoado* estético.

Assim posto, as manifestações desse conjunto produziram, na arte, um povo musico com predileções melódicas, e pintor na especialidade da paleta.

Poder-se-ia, também, esperar d'elle disposições architectónicas, attendendo-se à *melologia physica* do seu país; a essa grande *substração* melódica, que formam a *marinha* amada do seu *systema de montanhas*, a variedade de seus bellos marmores, e superior qualidade de suas argamassas naturaes, em summa, a essa fecundidade de solo que atordaa a visão pela forma impressionantemente caprichosa de sua *vegetação*, ora reproduzindo o torbo ebalto de columnas no estylo de suas *palmeiras renatadas em formosas capitais*, ora arquetando em *zimbório* a fronde immensa de suas grandes arvores, já traçando mysteriosos claustros com o entrelaço das ramarias, onde ciposae e parasitarias desdobram decorações plantacionais de que resultam, em ramalhotes, deslumbrantes *orchidias florentes*; mas, é de votar, que os dois componentes inferiores, que o produziram, não podiam ter a noção *architectural*, e o componente branco, tão accentuadamente disposto, segundo Ruzinski e Roquemont, para a arte da *construção monumental* em que o seu genio conseguiu o *incedível grato* d'um *sem-potio pedico*, achava-se completamente desordenado, havia accido, dos seus intentos estéticos.

Desta influencia meliológica ficou-lhe, porém, a cor, mas a cor na sua *rudeza virgem*, a cor monotona pela continuidade violenta da mesma gamma reproduzida por extensões rasas de pampas, por *estendidos* alacandranos de faladas e encontros e *grimpas de montanhas*, esse eterno *verde* desesparatamente viscoso, que canga a retina pela *junção* com a *invariavel densidade azul* do céu.

No norte, esse verde é retinco, como também o é esse azul, como é *carregada e brutal* a cor da terra laborada pela *unha dos alvões* nos *harranos*, pela *grede* das *rochas marinhas*; mas, é de votar, que os dois componentes inferiores, que o produziram, não podiam ter a noção *architectural*, e o componente branco, tão accentuadamente disposto, segundo Ruzinski e Roquemont, para a arte da *construção monumental* em que o seu genio conseguiu o *incedível grato* d'um *sem-potio pedico*, achava-se completamente desordenado, havia accido, dos seus intentos estéticos.

E se ao norte ha o sangrento, o amarello villilino e o zinco-branco da terra *trabalhada* nos seus *comores* e *barreiras*, que *lanham* de berros coloridos e pesado verde dos *palmeiras*, das *caspeiras bravias*, do *matto* *incorporado* todo tremendo do *ceio* *angustiado* dos *larrivos* e *maravilhoso* pelo *contino* *esfuzar* da *rutilla* *plumagem* dos seus *passaros*; no sul o dorco *acastellado* e *agreste* das *rochas marinhas*, *nildamente*, de *roxo-caruano* o *azul cobalto* os *lilazes vaporosos*, de *tons fálvos* os *bilazes* de *horizontes* que se dilatam, que se distendem, n'uma *sinuosidade* de *infinitos* *oculosos*, ao *descer* do *territorio paulista* para as *regiões* *marinhosas* do *Prata*.

Essa *força* de *cores* *crías* é *potentemente* *augmentada* pela *energia* *solar*. A *retina* *negocia-se* no *fixal*, a *contra-se* *dolorida*, *perde* as *suas* *propriedades* *abstrorventes*. A's *vezes* *parece* que os *arvores* de *harranos* e o *acastellado* das *rochas* *estão* a *ardor*.

Quando em pleno *verão*, o *torro solar* do *deito* *contino* *todo* os *tons* n'uma *palvulhada* d'ouro *cante*. Nada mais se *percebe* que *uma* *nodos* *luminosa*, *funaruga* d'um *fogário* *amarello* *jalde*, *condensada* por *miríades* *finas* de *diamantes* e *topasios* que se não *desprende* de *entorno* o *floco*, que *crece* e *recrece* *sem* *cessar*, que se *agita* *vertiginosamente* n'uma *eterna* *durabilidade*.

Alonga-se a *vista*, sob a *paia* da *nie* no *frontal*, e a *linha* *angusta*

das *serras*, n'um *tom* *azul* *meclado* de *retumelantes* *scantellas* de *ouro*, *emerge* d'uma *aristog* *inexpriavel*, tal é a *agitação* de *atomos* *luminosos* que a *formam*. *Até* a *projecção* dos *corpos* *compactos*, até *essa*, *tem* *uma* *poeira* *colorida* que *si* *uma* *excitadada* e *perillissima* *apprehensio* *vulgi* *poterá* *reter* para a *reprodução* *plumosa*.

E os *effeitos*, que *não* *sejam* os *de* *essa* *hora*, a *mal* *demorada* de *todas*, *conforme* o *terrologia* *profissional*, são *instaveis*, *tao* *rapidos*. A *transição* *temporal* *vespertina* *si* *existe*, *verdadeiramente*, no *extremo* *sul*, nas *regiões* *temperadas*. *Fora* *desse* *zona* é *mais* *pôr-de-sol*, *luz* *reversada* e *ocaso*, que *essa* *suggestiva*, *suavisima*, *melancolica* *me-lan*, das *terras* de *lá* *longe*, *effluvis* que *penetram* *n'alma* e *despertam* para as *reveries*. Em *compensação* os *lauros* do *tropico* *não* de *uma* *beleza* *inexpriavel* *pelo* que *elles* *teem* de *nostalgico*. O *quanto* a *falta* de *tempo* *vesper* *poterá* *limitar* a *sensibilidade* *brasileira*, do *norte*, as *suas* *incomparaveis* *noites* de *lá* *cheia* *deram* *luz* *prodigiosa*.

Recallando os *pontos* *de* *essa* *ligeira* *exposição*, *teremos* que, ao *appareho* *visual* *desse* *individo*, *esparariam*, *sem* *devida*, as *harmônicas* *das* *formas* *complexas*, a *concepção* dos *detalhes*, a *consciencia* das *linhas*; mas, em *contraposto*, *apprehenderia*, os *effeitos* *scenographicos*, o *ensemble* *impressionista* em que os *exageros* se *caracterizariam*, fosse *na* *expressão* *força* fosse *na* *expressão* *fraqueza*.

É de *crer*, por *coherencia* com as *determinadas* das *suas* *disposições* *psy-chicas*, que *esta* *ultima* *caracterisasse* a *suas* *necessidade* d'expressão *artística*. Poder-se-ia *chamar-lhe* o *deoro* das *suas* *heranças* *morbigenas*.

Não *iremos* *mergulhar* n'obscuras d'uma *primitividade* para *buscar* o *filão* *originario* *de* *Arte*. *Queremos* *apenas* *indagar* das *tendencias* de *suas* *preocupações*, d'aquelles que *antecederam* a *período* de *methodicos* *estudos*, mas que *traziam* já *condensados* em *suas* *organizações* as *qualidades* do *artista*.

Julgado *aqueil* a *qual* a *influencia* de *ebogar* *rudimentariamente*, *procuraremos* *ver* *até* *quão* *afivelado* o *meio* *em* *esse* *artista* *primitivo* *produziu*.

No *quasi* *absoluto* *analphabetismo* das *épocas* *coloniaes*, e sob o *governo* *despotico* dos *vice-reis*, que *servia* de *molde* ao *regimen* *privado* da *familia*, e *unico* *enquanto* e a *unica* *diversão* que *lhes* *desfiguravam* a *noturnidade*, *exteriorizada* nas *lougreas* e *mesquinhas* *edificações* de *suas* *idades*, era a *festividade* *catholica* na *pompa* *liturgica* do *seu* *culo*.

As *egregias* *levantadas* pela *Fé* nas *áreas* dos *grandes* *nucleos* de *habitação* e *commercio*, os *conventos* *erguidos* sobre o *dorso* dos *montes* e *sorrindo* no *caio* *novo* de *suos* *muros*, *entre* *ramalhos* de *pinhars* *virentes*, *circunvizinhos* dos *labyrinthicos* *burgos* *acacapados* e *afanosos*, foram o *consolo* e o *conforto* do *americo* *portuguez*.

O *jesuita* *já* *tinha* *fasciado* os *seus* *rebanhos* *domados* com o *posiço* *fausto* das *suas* *cerimonias*. A *capella* da *missão*, *ligeiramente* *construida* ao *lado* da *moralia*, *resplandecera* de *ornatos* e *circum* *chamante*. As *ordens* *religiosas* e o *clero* *espaes* *confinaram* o *delambramento* *catholico*, *triumphante* *pelo* *fervor* *religioso* do *colono*.

Naturalmente, *pols*, *foram* *para* a *religião* que *as* *manifestações* *da* *suas* *arte* *propenderam*. *Esa* *tendenda* *deveria* *ser* *fortemente* *alimentada* *pelo* *arragoado* *fetichismo* *do* *negro*, *combinado* com o *circulo* *fantastico* *do* *ocaso*.

Juncto *desse* *cultura* *apparece* *outro* *bem* *dignos* de *sublinhar* por *suas* *importancia* *moral* — o *torro* que *lhes* *infundiam* os *vice-reis* de *seu* *vinco* *enclavo* e *habitos* *sbrios*.

Algo *attende-se* a *que*, *nesse* *amontado* de *apressadas* *cozarias* que *formou* o *burgo*, de *que* *se* *originaram* as *idades*, não *por* *mellhoramento* de *construção*, mas *por* *quantidade* de *teitos*, *por* *destindimento* de *limites*, *apenas* a *egreja* e o *convento* *podem* *atrabair* *seus* *olhos*, *dar-lhe* a *imagem* *senão* *real*, *pelo* *meio* *vagante* *aproximativa* do *grandioso* *alampado* pela *intelligencia* *humana*.

Assim *tambem* *para* se *esquivar* da *ruída* de *entusiasmo*, seja dos *governadores*, seja dos *ricos* *homens* que o *aniquiliam* *favorecendo* *o* *colono*, *elle* *tem* a *sua* *viduidade* do *consolo* ao *seu* *espírito* na *egreja*, e a *certa* *segurança* *individual* *no* *convento*.

De *mais*, é *para* a *egreja* que *convergem* as *sobras* dos *avuitados* *ganhos* e os *caudados* *espirituais* de *fictos*, *indistintamente*. Os *vice-reis* *excedem* *lhe* o *terreno*, *abrem* *excepção* *coima* em *o* *que* *lhes* *é* *do* *seu* *mister*. Os *poderosos* *negociantes*, os *enriquecidos* *no* *tráfico*, nas *mineras* e nas *lavras* do *assucar*, *concorrem* *na* *inestimaveis* *dadivas* para as *capellas* dos *seus* *oragos*, para o *ornamentoso* *architectura* *do* *templo* e para as *suntuosidades* do *seu* *culo*.

Prestam-lhe *servicos* de *clavero* o *potentado* e os *homens* *bom*, as *familias* *ricas* *servem-lhe* de *andadeiras* e *seladoras*.

É a *egreja* o *centro* da *vida* *espiritual* *do* *colonia*. *Até* *esta* *ella* *por* *completo*.

É *ahi* que *essa* *natureza* *de* *lidade*, de *artista*, *ver* *reecer* o *necessario* *alento* a *suas* *imaginativas*.

Quando *ella* o *não* *acolle* com *as* *suas* *suavidades* de *preco*, *sombr* *benigna* *que* *suavia* e *acrazia* *so* *do* *o* *deito* *imovel* dos *marlyres*, *falo* *vibrar* *por* *seu* *luz*, *nos* *dias* *alegres* de *scorridos* *festivos*.

Então, *se* *gemmas* dos *brasileiros*, dos *brinco* e dos *collares*, que *realizam* *com* as *joias* das *imagens*, os *tecidos* de *gala*, o *perfume* do *incenso* e o *aroma* de *vezes*, *essa* *variedade* dos *tipos* *femininos* que *resplendem* *em* *toda* *a* *beleza* de *delladas* *stativos* e *frescos* *dos* *anjos*, *desde* a *rigidez* *tales* *das* *lindas* *donsellas* *nobres* até a *pobreza* *avejada* e *instinuta* da *media* do *serventurio* ou a *filha* do



LEANDRO JOAQUIM. NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

artista, dão-lhe a febre emocional que vai exaltar, por impulso, as suas disposições, cujos placentes são complexos e múltiplos.

Exaltado para o amor ou para a glória, sentimentalmente pela illusão ou pelo desengano, vibrado pela cobrição da opulência ou da formosa femineza que o rigor paterno mantém oculto da bibliolite das ras, está o artista preparado ao melhor dia para estrepitoso trabalho para sua obra.

Mas, como lhe falta o palácio do fidalgo ou a monumental construção civil onde possa extender estas imagens, volta ao fio da sua occupação, que não é senão esse tempo onde elle encontra a aude do muro para decorar, e o vaso apinhado do altar para ornamentar para sua obra.

A loretica, em que o europeu trabalha com rara habilidade, bem depressa é por elle executada *pacientemente* melhor; a ourivarria, que tambem o europeu lhe ensina, torna-se offeio notavel, por ser primorosos productos, a ponto de sobreviver a estrepitoso oppor no oppor no seu procedimento muito sua prohibição formal.

A sua habilidade emittiva é extraordinaria. Sô, quasi sem mestres, porque

poços legaram aprender na Europa, circumscripção a esse meio torquente materialidade, e de vez em quando assestadas. Mas, tudo isso é alcançado pelo esforço proprio, por um amoroso cuidado em que a submissão ás formulas se manifesta, em que a passividade constituir o traço mais accentuado da sua caracteristica.

A natureza, que o cerca, a forma dos seus vegetes, a belleza de seus pas-

saes e a grandeza de seus deslumbrantes montanhas, não o despiam.

Para elle, no accessorio, só existe a caldura da igreja, algumas vezes as linhas ornamentaes deos architectores que lhe vem planejada do reino. Os assumptos não ultrapassam do que lhe ensina o padre, ficam restringidos á vida dos santos. Mas a cor ahí é tudo. São lindos os seus vermelhos, os seus amarelos, os seus verdes.

Communmente é o amarello que o deslumbra. O que na nomenclatura industrial toma a designação do amarello indiano, alaranjado, de chumbo ocreo e de Napoles, é toda essa variedade de tons que vem da terra natural e cor de folha sem viço, tem na sua pintura uma intensidade que, por vezes, faz lembrar as escaldas italianas. Dir-se-ia que a luz solar, o apathico nascer do dia nos tropicos, ou os incandescer de cores dos oceanos, e o ouro das igrejas, o fariariam. Nem mesmo o verde, que estava constante e immutavelmente diante de seus olhos, conseguiu dessa pallidez tanto vigor.

Mas, contraste que merece ser particularizado—o brilhantismo desse colorido não destrói a caracteristica tristez de seus quadros. É geral esse radiante amarello é empregado para a gloria dos santos, que temos deisar para representar os fideles christãos e os céos por onde se alam os martyrs christicos chamados á Bemaventurança ou onde peira a pequenina ave branca que no symbolismo catholico corporifica o Espirito-Santo.

Comparadas, minuciosamente estudadas essas obras, verificamos que não são *dentidamente* melancolicas, um quê que seja de genuino e de queixume está nellas remembrando dos seus assumptos, da expressão dos seus figurás, da harmonia dos seus conjunctos. As suas Virgens, mais humanas que ideaes, mais pesadas, desgraçadas e *mulheres* que elegantes, virgins e seraphicos, illuzes escarniadas, como sandões e amargurados. Nota-se-lhe um vago de desluzido, cheio de queixas, que a molleza dos gestos torna mais triste. Os seus evangelistas e os seus santos, de expressões humilde dos serros, fazem pensar nos injustificados e desprotegidos.

Esta arte, no entanto, é um producto real dos seus factores, possui delles a physiologia e o intimo. É, é, precisamente, por esta concordância com o meio e com o productor, que elle se afirma com o valor expressionista d'essa época.

A' parte o fra Giovanni da Fiesole dos beneditinos, que se chamou Ricardo da Pilar, nascido em Flandres e recolhido no illustre fluminense de S. Bento, em 1695, os demais precursors da pintura brasileira receberam o baptismo da sua arte no ar que se fecunda a terra descoberta por Pedralvarez Cabral.

José de Oliveira foi, por seu nascimento, o primeiro artista digno deste nome que figura, chronologicamente, na pintura.

Foi Ricardo do Pilar surgiu no convento, José de Oliveira appareceu na igreja.

Pouco antes depois d'aquelle terminar a imagem do *Salvador*, que ainda hoje está conservada intacta no altar da sacristia do mosteiro, obra dos seus derradeiros dias de vida, (fevereiro de 1700), esse artista começava a sua grandiosa obra que o realismo dos *retosques* fez desaparecer por longos annos.

Felizmente, porém, em nosso tempo, no correr de 1896, o pintor bavo Thomas Dienli que se afeizou no Brasil, recebendo a incumbencia de decorar a igreja de São Francisco da Penitencia, emprendeu o trabalho de restaurar a immensa obra do grande artista fluminense. E com tamanha pericia se houve, cuidando por incalculavel somma de paciencia, que conseguiu trazer ao seu estado primitivo, postoque obscurecida pelo tempo e offendida pelos retosques, essa extraordinaria decoração, da qual escrevia o erudito artista barão de Saint'Angelo: «A sciencia da perspectiva, a valentia do claro-escuro e uma riqueza de imaginação poética formam o espaço d'aquella grande obra».

O illustre pesquisador da nossa arte, ainda conseguirá ver essa obra antes de devastada por José Gonsalves, cognominado o *oleifaculo*. Deu-se o caso na

moedade d'aquelle eminente brasileiro, e quem o serviu a admirar o trabalho de Oliveira foi um dos celebrados mestres santos da colonia-artista Le Breton, que a julgava obra *d'algum italiano*, no dizer de Saint'Angelo.

Graças á intelligente força de vontade do pintor Thomas Dienli, podemos hoje admirar a grandeza dessa composição em que o genio do artista se estereou nos mais bellos motivos de decoração da sua forma, a harmonia do côro a vista passava reverentemente deslumbra. Ahi, é uma successão de assumptos mysticos relativos á vida de São Francisco de Assis, formando um conjuncto de scenes concenadas, devidos por emolduramentos; aqui, a longa abobada tunnelada da nave que parte o desluzido da sua forma, a harmonia dos ornatos, em claro escuro, e no brilhantismo das tintas. As paredes, interruptamente esculpidas em revestimento de madeira, douradas até ao soallo, fulguram como o interior d'um *pagode* indiano sustentando a gloria desse lecto estereado nos mais bellos motivos de decoração da sua forma, a harmonia das alturas de onde descem seraphins, e o qual se abre em delagações d'ouro para aureolar o padroeiro do rio tempo. Sobre a cornija dos muros estão os liços engalanados, com suas ritas brancas e suas bellas pastozas, sentados reverentemente nos grandes tallos de curvas de curvas, e das suas bellas formulas do horizontal da canonicidade. E de espaço a espaço, corrigida a linha horizontal da composição nas cornijas, panno recordado de paredes, terminadas em frontões, em motivos vivos de harmonia ornamentativa, chavesas de remate, fechos pendentes, consolos e medilhões, dos quaes se curvam linhas floridas e entrelaçadas por anjos louros.

Todo esse trabalho, profundo de côro e de ornamentos, guarda uma admiravel proporção com o interior da igreja, no mesmo tempo que lhe aformoseia a forma tunnelada da nave. Mas, se por infelizia causa essa grande obra não tivesse voltado a nos dar idea do que é, bastaria para a gloria do artista o centro de tecto da sacristia da igreja.

Ahi está o seu merecimento de compositor, nessas linhas classicas, na bella distribuição das figurás: ali está a riqueza da sua pallida nas curvas dos archãos, nas vestes azul-vestes, nos tons amarelos das suas illuzinadas, no *astro* das meias-tintas e, a par com este merito, todo o seu valor de desluzido, que se propoñamos desenvolvidos em Portugal, porque não é aceitavel que fosse discipulo de frei Ricardo Pilar, nem de elle poderiam aprender o vigor de escorço, aquelle sabor de anatomia que se lhe nota.

Sobre o fundo nublado, de novelle luzimosa por sentir, d'olhos, desce o archão na sua purpura principessa, que apenas lhe cobre parte do torso e, encorregando sobre o abdômen, enroscas, e seraphins levemente estendida no espaço, a delitei tem-na elle vergada pelo joelho para fóra do palmal, em escorço. O seu *vestimanto* de desluzido, que se descece para a terra, porque elle vem exhortar um marty, não'm ponto elevado de terreno, invoca a protecção divina, erguendo os braços para os céos e para lá voltando o rosto exprimindo o sofrimento e o rogo. Ao lado da grande amesora celeste, que estende o braço e torção o *Sanctissimo* não pôde precisar, mas cuja descripto fazemos deuctorialmente por *circumf'no*., o mais possivel, á verdade. Ahi domina o desenho em escorço; o anjo, a que já nos referimos, está em attitude ascendente, porem recolhida sobre um fôto tufo de nuvens, no espaço, retentiva, sua cabeça rebega e os braços do martyr tambem está em escorço. Apesar do excesso do vermelho que está na purpura archangelica, nas vestes do martyr, (provavelmente algum poderoso votado á penitencia) e combina-se em meia tinta no tom da terra, a harmonia do conjuncto é empolagante.

Bastaria, pois a conservação deste centro de tecto para a eterna gloria do seu autor.

José de Oliveira deixou dois discipulos—Francisco Maza e João de Sousa, o primeiro mais conhecido como scenographo de um theatro do padre Ventura, construído em 1707 no lugar do Capim da cidade do Rio de Janeiro.

João de Souza é o autor da maior parte dos quadros do convento dos Carmelitas, em cuja portaria está conservada a um oratorio envidrado a sua Virgem do Monte Carmelo. Sem attingir á correção de desenho do mestre, seu mesmo recordar o quente colorido do decorador da igreja dos Terceiros da Penitencia, a sua obra é pacientemente feita e deliadaamente pintada. Se pa ella presença das figurás, particularmente das suas Virgens se lhe pôde tachar de monotono por excesso de *tristezas* que elle se possuente, sobre o fundo de-lhes uma cor suavissima, d'um pallido sentimental e doentio, que as torna insignificante sympathicas.

Estas qualidades elle se transmitiu a um dos seus discipulos, um dos quaes mais se salientaram, o caplivo Manoel da Cunha, que de sua genitura, em 1710, Bem cedo, porém, em *seus* de *evangelho* Manoel da Cunha, apreciando-lhe seus dotes naturaes de artista e comprehendendo o lucro que poderiam auferir da posse d'esse escravo nobilissimo n'offeio de pintura, mandaram-no estudar em Portugal, de onde voltou Manoel da Cunha com a sua educação artistica.

Apesna chegado fôo a humilde da pintura, deo caplivo deo da capella deo do Passos, na igreja dos Carmelitas. Copei ali, por um desenho que fazia parte da sua bagagem de artista, o Desolamento da Cruz, de Daniel Valterra. Consegui



FREI SILVANO—FREI DE S. CARLOS—SENHORA D'ASSUMPÇÃO

d'essa época a trabalhar por sua conta, á noite, dando lições de desenho, tornando *empresas de pintura* em casas particulares, desenvolvendo uma actividade fatigante, para ajustar o dinheiro necessario á compra da sua liberdade. Havia no Rio de Janeiro uma *família de cir*, notavel por suas posses pouco numerosas e pelo filho, a *família de Cruz Manoel da Cunha* recorreu á protecção dessa familia para completar a somma com que devia obter a sua carta de alforria.

A generalidade da familia Cruz não pôde obstar ao louvavel interesse do *mestre pintor*, como se dizia n'aquelle tempo; adiantou-lhe o dinheiro restante e o decorador da capella dos Carmelitas entrou na sociedade fazendo esquecer o passado com a honestidade de uma existencia trabalhadora.

Comprehende-se a importancia d'este facto na vida d'um homem. Sem duvida elle deveria ter infundido poderosamente na sua existencia o melancolico e o artista, caso não o prejudicasse o esgotamento das forças mesticas. Melhorou o assim vello-mo na fecundidade do seu talento, na relativa percepção das suas obras. E' delle toda a decoração da capella da Virgem da Victoria na igreja de São Francisco de Paula, grande parte das decorações da igreja do Castelo e do Santo André Avelluto que all existia. São delle alguns quadros do mosteiro de São Bento, da casa de Misericordia, um da galeria dos syndicos da Irmandade dos Meninos (igreja de São Francisco de Paula), e esse onde de Bobadella que foi pintado para o antigo Senado da Camara e ainda hoje existente no edificio do Conselho Municipal na capital da União Brasileira.

Foi seu contemporaneo e como elle discipulo de João de Souza e fluminense Leandro Joaquim. Este resumiu, pode-se dizer, todas as qualidades e defeitos dos seus predecessores e coevos, posto que distanciado de José de Oliveira. O colorido de Souza foi na sua palhetta mais intenso, a maneira firme sem largueza, forte sem violencia, que se nota na pintura do capivo Manoel da Cunha, está em suas obras, e alguma cousa do desenho do mestre Oliveira, uma certa graça no abandono dos gestos, uma suave correção no delinear das mãos, o amor pelo conjunto, deixam-nos pensar no cuidado que elle pôz em observar, em estudar aquelle grande decorador do templo de S. Francisco da Penitencia.

Em um dos quadros, que commençaram o incendio do recolhimento do Porto em 1789, vemos o artista, por suas próprias mãos retratado. Era um tipo miúdo, corpulento e pardo, termo pelo qual se designava o mestiço realino, que não era o *fulo*, mais preto que amarello, nem propriamente o *mulato*, que, segundo o valor designativo da palavra, era o individuo de epiderme amarello-clara.

A sua obra é vasta e está espalhada por diversos templos da cidade, mas onde se pôde melhor estudar é nos seus trabalhos da igreja do Castelo, nos paines da igreja do Porto e nesse quadro da Nossa Senhora da Boa-Morte, cujo *croquis* da composição aqui damos.

Leandro Joaquim foi o scenographo do afamado theatro Manuel Luiz, e tambem o celebre Valentin da Fonseca e Silva nos desenhos de construccoes, e coadjuvo de Manoel da Cunha, um dos retratados do seu tempo, merecendo a protecção do vice-rei Luiz de Vasconcelos.

Na mesma época apparece o setimo pintor da *Escola Fluminense*, Raymundo da Costa e Silva, tambem pardo e homem d'uma robustez physica pouco vulgar. Ninguém lhe ensinou a pintura, aprendeu-a por si e era tambem affamado escultor-entallador, officio que lhe ensinou seu pae.

Dentre os seus contemporaneos é o que mais se destacou favorecido pelas sympathias publicas, acollido que nos parece viver, em parte, da sua *evidencia social* de maior de ordenações. O facto poderá parecer extranho por sua desconhecida importancia, mas é preciso attender-se ao viver mesquinho da colonia, aos seus preconceitos, a difficuldade d'um posto melancolico alcançado por um brasileiro-nato que viesse das camadas inferiores da sociedade. E' disso nos convencemos, porquanto a sua obra, embora trabalhada com paciencia carinhosa, não é, em verdade, superior á de outros que menos entusiasticamente mereceram nos comentarios da tradição.

A Senhora da Conceição, que está ao lado da Senhora da Boa-Morte de Leandro Joaquim, no actual consistorio da antiga igreja do Hospicio, se lhe não avantaia em colorido, nem mesmo o seu desenho tem mais correção que o de outras obras desse mestre. Sem duvida é mais para recomendar o seu nome a Cêa, que existia até 1859 na capella Imperial, onde o agrupamento das figuras, sem inculcar novidade, está feio com cuidado. Depois dessa obra, a melhor de quantas elle fez e ainda existe, é o seu São Sebastião da igreja do Castello, por nelle encontramos um regular *desenho contornante*, se assim podemos exprimir a linha externa d'uma silheta.

Enquanto a igreja se enriquece com as côres dessas palhetas, no claustro do convento de Santo Antonio um moço monge soa com esta Arte que lhe delumbra a phantasia, através o quadro creador desse mestre, cuja obra é um alvorecer de épocas promissoras, eternizado no visinho templo de São Francisco de Assis.

Chamava-se Solano, esse franciscano. Fez-se artista por si, por suas próprias forças, aproveitando os seus lazeres em continuos exercicios de desenho e pintura. Era uma paixão que o arrastava. Quando frei Marianno da Conceição Veloso, coadjuvo pelo vice-rei Luiz de Vasconcelos, partiu para o interior da capitania do Rio de Janeiro, afim de fazer estudos botanicos, levou o joven frade com sua companhia, como desenhista. Em 1740 voltava para a peregrinação scientifica. Foi neste tempo que frei Solano mais trabalhou. Ao principio a sua pintura limita-se aos ornatos, inito os damascos nas taboas dos altares de capella e a porcellana da India em vasos de madeira. Logo depois emprehe de a pintura de figuras, as composições sacras.

Faz a Santa Inês, o Senhor da Paçoada e o frei S. Carlos offerecendo o seu nome á Virgem d'Assumpção. Exercita-se mais vagarosamente no manejo dos pinces e, por fim, planeia e conclue a decoração do tecto da sacristia do convento, que constitue a sua mais bella produção.

E' ahí que está a sua habilidade, todo o vigor do seu talento inventivo, toda a dedicacão da sua alma de artista.

O ponto mais vulneravel nas obras de frei Solano está no movimento de suas figuras, que, por vezes, é falso quando não errado ou *gauche*. Mas a critica deve vir n'essas obras, toda a sinceridade d'uma alma, toda a espontaneidade de um temperamento de artista que se forma sob influencias precarias.

Ao derredor do monge franciscano ha um pequeno grupo de artistas mais obscuros, Domiciano Barreto que pinta as portas do oratorio no côro da igreja dos Terceiros de S. Francisco de Assis e José Vidal que deixou na portaria do convento de Santo Antonio o vasto painel da morte de S. Francisco, onde os grandes defeitos não apagam de todo o merito do colorista e, de quando em quando, as felicidades do desenho, particularmente na expressão de certas figuras.

Tambem na Bahia uma pequena colonia, constituida pelos mesticos José Joaquim da Rocha, Antonio Pinto e Antonio Dias, vivia ancher os templos e os conventos com a historia dos seus santos e a effigie de seus distinctos professores. As igrejas da Conceição da Praia, dos extinctos Agostinhos, de Nossa Senhora da Palma, São Pedro-Velho, Rosario da Baixa dos Sapateiros e São Domingos, attestam o talento dos seus decoradores, discipulos desse *empresario* Joaquim da Rocha, que allava á sua vocação artistica a cultura d'um espirito de letrado.

Nos muros e tetos dos templos de Nossa Senhora da Ajuda, da Conceição do Boqueirão e da Gloria, Antonio Pinto e Dias combinavam os seus exaricos planos de architectura figurada, em que foram mais rigorosos. O dizer do historiographo Mello Moraes, do que na reproducção do corpo humano.

De seus ensinamentos surgiram Nunes Motis, Verissimo, Souza Coutinho e o conceituado José Theophilo de Jesus que falleceu em principio do segundo imperio.

Mas a era colonial está preste a tocar o seu termo. A conflagração europaea, dispersa pelo genio militar de Bonaparte, faz a còrte de Portugal pensar no Brasil.

Então apparece, no Rio de Janeiro, o ultimo representante desta Arte, ou melhor, da *Escola Fluminense*. E' José Leandro de Carvalho.

Este vem n'um tempo de alento e agitações. A *insconfidencia mineira*, suffocada em 1793, ganhara, com os anos e pelos pronuncios da corporificação nacional, a grandeza d'um acontecimento veneravel, tornára-se uma data historica presada em segredo; tinham voltado do reino os letrados que vulgarizaram as conquistas da civilisacão e deram-nos os estudos de humanidades; o clero brasileiro, tão notavel na historia patria, crescera e entrára a exercer a sua influencia nacionalisadora; a poesia, posto que academica e ainda vincula á estrutura de poetica portugueza, se desenvolveu, a musica se vulgarisára. Uma nuvem apparecia nos debuxos d'um repensado da aurora nascente.

Foi nesse tempo que José Leandro entrou em actividade. Já á concorrencia do pintor europeu trazia novas formulas de interpretação e novos processos de pintar.

Pouco depois a chegada da còrte de Lisboa, fugindo dos batalhões napoleonicos, humilhava a simplicidade da grande alçada do Rio de Janeiro com o rumor das suas carroças e o vozear da multidão ociosa. A vida de luxo lhe era desvendada, as igrejas brillhavam com desuado esplendor, em sua luz leve rebolavam canticos e instrumentos musicaes, ha por toda a parte um reboliço constante, um agitar de sedas, um ciclar de ruas, micio de convento e palacio que desfigura o patriarchalismo beato da existencia anterior.

E' José Leandro, o mestiço nascido em Iahoraby, o discipulo de Leandro Joaquim e Raymundo, torna-se um arremedo de Velasquez desse povo. E' o artista da còrte e o decorador da capella real. As moralidades dos nobres e os oratorios estão cheios da sua obra. A sua habilidade de retratar lhe não consente descanço. Trabalha activamente para a familia real, para os fidalgos, para as igrejas e conventos. Comprindo-se uma vanidade de D. João VI, é aberto concurso para retratar a familia real ao fundo do altar-mór da antiga capella do Carne (depois capella real, mais tarde imperial e hoje cathedral). Apresentam-se José Leandro e um pintor italiano por nome Angenzio. O artista fluminense consegue vencer o concurso. Estende-se a enorme tela no fundo da capella, sobre a parede correspondente ao altar, e ahí o artista dá vida aos retratos dos principes D. Pedro e D. Miguel conduzidos pela mão do Anjo da Guarda, aos d'el-rei e da rainha genovezes, em attitude de oração e sobra uma successão de novellas-nuvens pinta uma das suas mais lindas e dolorosas *virgens*, representando a Senhora do Monte-Carmello, abraçando-o.

O exultamento patriótico, de 7 de abril de 1831, viu nesse painel uma recordação affrontosa. O retrato do imperador deposedo, ainda que o representasse na sua adolescencia, offendia á susceptibilidade dos *nativistas*. Então, um troço de exaltados vem berrar á porta da igreja, contra a permanencia do painel em lugar tão honroso, ansuando violencia; e com o fim de impedir um sacrilegio, que o crescer da faria poderia praticar, foi chamado o artista para *apagar* sua obra. Assim lhe disseram. José Leandro submetteu-se, opprimido pelo terror. Horas depois uma camada de colla cobria a tela, d'alto a baixo, mas, em 1850, o artista Caetano Ribeiro levantou o espesso revestimento da gomma ressequida, fazendo reaparecer a composição do ultimo representante da *Escola Fluminense*.

Agora vai surgir outra Arte. Melhor ou inferior... a critica dirá. O Brasil do seculo XIX tào outro é, tantos e poderosos elementos lhe trouxeram as mais variadas correntes de immigração, que, o affirmado em começo dessas linhas, ficava com um boquejo de sepiá sobre o envelhecimento senilar d'um cartão corrido e bolorento.

Fevereiro de 1900.

GOVADARA DUQUE.

(L. GONZAGA DEQUE ESTRADA.)



SONATINAS

JURISCONSULTOS BRASILEIROS

O tempo apaga depressa as coisas sobre a terra; mas não oblitera jamais os vestígios de um primeiro amor no coração por onde elle atravessou.

L. MARTINE.

O passado é doce recordal-o, quando se tem alma forte, alma superior.

A quem tem n'a fraqueza, e feita de choro, é triste essa recordação...

Eu tenho-a forte, por isso, á noite, quando recolho-me ao recondido do meu aposento, quasi sempre fatigado, pelo labor da vida, pelo lidar do dia, passo pela memoria essa longa cadeia de acontecimentos, essa série de sonhos pueris, ou mais doirdos para mim, e moribundo, somnolento, á minha pobre banca de trabalho, vou retrahido os, em pequenas tiras de papel, para mais tarde, talvez, deixar á minha adorada Clarisse, reunidos n'um pequeno volume, que soffrerá dos meus desaffectos a critica apaixonada e rigorosa, dos meus affecções, os que moirerem commigo n'este palestrar litterario, por amor á arte, — a opinião sensata e proveitosa; e d'ella, da minha pequena Clarisse, que nesse tempo, d'aqui a mais uns annos, já estará moinha, já saberá ler e entendel-o, merecerá o seu amor, os seus carinhos e os seus cuidados.

Terá então ella, como num quadro, a minha vida de moço e sonhador.

Ah! o passado... Quanto é sublime recordal-o.

A pobre casinha onde eu habitei e nasci, existe ainda e é hoje para mim alegria vel-a. Ali, sem preocupações e sem cuidados, sem amores, sem illusões, tudo pureza e innocencia, lá se iam desfilando os dias, divinamente bellos, bellamente divinos.

Aos terços cuidados de uma avózinha — como sinto saudades ao lembrar-me d'ella! — e de uma devedada mãe, santissima creatura, como são todas as outras mães, — vivia eu traquinando, fazendo toda a sorte de diabruras.

Pasaram-se os tempos infantis e a esses succedeu a verdade, — e as phantasias, esse bando de illusões e sonhos, vinha como que, numa revoadá célere, poisan-do sobre meu espirito.

Nossa quadra de lúcidas esperanças, veiu o amor, o velho amor, o eterno amor.

Nessa quadra, que doce-amargo lembrar-me d'ella!...

Sinto prazer e riu-me... ás vezes, tenho saudades e choro...

Lembro aquellas amores platonicos, ideaes, e de todos elles um só deixou-me uma serie de impressões e até hoje, ao reproduzir na mente essa figura angelica, alta, elegante, loira, beijos sanguinos, dentes alvos, sinto uma dor secreta, uma perturbação no meu bem-estar, principalmente porque foi querendo esquecer-me por ambição de casar-se, que essa infeliz fez-se victima d'esse amor, victima d'esse homem, que só lhe amou a carne.

Que animal!

Volto os olhos d'alma a esse tempo e vejo:

«Um toiro bravo e sensual mordendo
«Uma franzina e delicada flor»

E' morta hoje; decaença á sombra dos cypristes e eu dedico-lhe o conteúdo d'este livro d'alma.

I

Essa que eu amei e que me encheu a vida de auyes perfumes e de encantos, de alegrias e tristezas, que foi a manhã nimbaveril dos meus amores, essa das faces coloridas, que foi a melhor apaixonadora do meu coração, vi-a divina, tão viçosa e bella, junto á nave da alva capellinha de Natal, joelho em terra, a murmurar uma oração, a pedir muito baixinho que Deus lhe absolvesse de seus grandes peccados.

Que tolinha!

Que peccado poderia ter a sua alma pura, immaculada, branca, immensamente branca.

II

Assim foi que a vi, humilde, prostrada ante o altar da alva capellinha do Natal, cabeça pendida para o peito, olhar em terra a cicizar baixinho uma oração fervorosa.

Análoga á ella tambem minh'alma submissa, reverente, recebia o balsamo que vinha d'alma d'ella.

III

Contemplei-a assim, algum tempo, nossa invejavel postura de infiel devota, idealisei-a vaporosa, subtil, despi-a com o espirito e vi-lhe as fórmas venusinas e esculturadas.

Um silencio religioso e bom, interrompido apenas pelo *tric tric* d'um thuribulo, que um menino embalava, trazia áquella scena a solemnidade de um apparatus acto.

As espiraes do incenso que se evolvam, ora elevando-se ao alto, muito ao alto, em longos filamentos brancos... como cirrus, ora grossas e pardacentas como nimbus, alastravam no ambiente do templosinho o perfume thurificante dos altares.

Oh! sim, lembro-me ainda!

Se foi ella o meu primeiro, o meu mais santo e immaculado amor...

IV

Dezembro a pino.

Manhã festiva do Natal. Verão em termino. Do azul purissimo e claro filamentos d'oiro, derramados pela estrella do dia, doiram a terra e a alva capellinha erguida.

Toda a natureza é um sorriso doce.

Tilintam os sinos e a alegria nasce.

Nasce o vigor em toda a pradaria e sentem vida os rouxinões formosos.

Eu que já a adorava, que já sentia um como estallite rixo e aguçado penetrar-me o peito, tremulo, observava, junto á pia, o abandono em que iam deixando o augusto santuario.

V

Ellá ia sahir, e ao encontrarem-se os nossos olhares — o d'ella calmo e doce — na doce placidez das almas puras — e o meu, agitado, em sobresalto, no terrivel desasossegado dos criminosos, — bendita metempsycose — as nossas almas transmigraram se como se já se houvessem comprehendido.

Mais tarde, disse-me ella: — Nessa occasião falaram-se os nossos olhos.

VI

Segui-a até em casa — um chaletsinho rustico, alegre e perfumado — e abi vi-a desaparecer, deixando-me, como um adeus saudoso, uma restea de seu olhar amoroso.

Como me pareceu um presépio essa casinha rustica, toda cercada de frondosas arvores seculares, em continua agitação pela aragem rumorosa e farfalhante, que desfilava franca.

Vinham chegando as aves, os habéis concertistas da matta, e irrompia a maviosa cavatina dos bosques.

De certo o paraizo não seria tão bello!



Dr. Augusto Teixeira de Freitas

OS ESCULPTORES NO CENTENARIO



Joaquim Gonçalves da Silva (Porta)

(Vide pag. 48 do Numero Extraordinario)

VII

Quando eu quis voltar, deixar essa casinha alegre e aprazível, ouvi o coração pezaroso dizer soluçando: Ah! que felicidade gozaria se eu vivesse aqui, nesta casinha, onde ella mora, onde ella habita e vive; ella, que é meus dias felizes, minhas noites enluaradas, a minha luz e até a minha existência.

E eu parti. Não sem vontade de attender o desejo ardente d'esse musculo agitador de todo o meu ser.

Ao longe, muito ao longe, ao volver os olhos á casinha d'ella, toda aquella paisagem como que aceneava-me e dizia: — que voltasse, que voltasse! Reflectar a minha tenção de amor, á fôrma d'aquellas fontes frondosas e verdjantes arvoredos, que só ali havia vida e poesia, que só ali se poderia ouvir a partitura sublime da natureza, excedente no barulho agradável das arvoredos, no murmuro dos ventos, no farfalhar das folhas, no arrulhar dos pombos, nas cavatinas da passaráda garrula, cantante.

VIII

E eu segui, segui com o coração transido de dor, espedaçado, preso, sem poder apagar da memoria a imagem dessa adorável creatura que era dona de todo o meu amor.

IX

Ha já tres dias que não vou vel-a, e é o seu nome que me vem aos labios todas as vezes que, em conversa intima, tenho de pronunciar o nome de algum.

Não tenho calma. Passo as noites inquieto e em completo sobressalto. Falta-me tudo: o sabor, o olfacto, a respiração, tudo; descuido-me de que está sendo meus estudos e só me apeteço sair, andar, passar em frente á casinha rustica, alegre, perfumada, onde eu a vi desaparecer, deixando-me, como um adeus saudoso, uma restea do seu olhar amortecido.

São os effeitos d'esse sentimento que vêm desabrochando em meu peito como uma rosa desabrocha na haste, ou como o perfume no caule de uma flor, que abre a sua corolla aos beijos do sol nascente.

X

Chega o dia de ir vel-a, mas um inverno improvisado tolhe-me fazer.

Caem fortes bategas de agua, as rajadas fortes passam, num murmuro plangente e as nuvens que vão, sombrias, chocam-se produzindo surdo estampido e lançando á terra uma escuridão pavorosa.

Perco a esperança que alimento de ir vel-a.

Impressões tão más e tão tristes, nunca as tive como as d'essa manhã de frioz.

XI

Quatro da tarde. O céu, agora, sem nuvens, calmo, plácido, tem a limpidez primaveril e o esplendor dos céos lavados por violento e devotado temporal.

Aqui, calmo, diaphano, bello! Não me sol, como de costume, pintalegra a terra. Urubias, de azas abertas, aproveitam n'a para não dormirem molhados e friorentos. Borboletas azas ruilando, vêm, zigzagando, por sobre as flores virgens, alegres, multicores.

Ha-as grandes, travessas, que esvoaçam celeres, inquietas. Então apodemo-me a ir vel-a de novo, d'esta vez mais sequioso, cheio de saudade.

Levo no sentido mil pensamentos. Sinto qualquer agitação, resfriamento as pontas dos dedos, e — quanta agitação! — sinto até que seria fastidioso escrever para o leitor, que já experimentou, certamente, eguas sensações quando moço e nanorado.

XII

Eis-me pela primeira vez a falar-lhe. A principio cheio de hesitações, dubio, tremulo, a provar-lhe a minha experiencia no amor, a beber com immenso prazer as palavras que lhe saham pela bocca vermelha, congesta, a pedir beijos, beijos... a sentir o calor vivificante de seus olhos amoresos, que me perturbam, que me fascinam. Depois convieto, franco, a contar-lhe o meu affecto, a minha paixão, beijando-lhe a mãozinha albeite e pura, que o seu mãe tinha beijado.

XIII

D'esse dia em diante voltei já outras vezes. Sempre a mesma alegria e agora todos me recebem com mais familiaridade.

Já tenho certeza do seu amor. Sua mão — bella — senhora que me respeta e acata — dá-me todo o seu consentimento.

Eu e ella, a minha amada, a sós idyllivamos — á luz branca da lua, sob o verde escuro baldaquim de tropadeiras, onde os passarinhos, á luz dourada do sol, também idyllivam.

Elles cavatinavam os seus amores, nós falavamos de assumptos frivolos, castos...

E essas benditas horas como passavam velozes!

XIV

Quantos tempos passamos assim felizes, nessa promiscuidade de amor e terra!

Quantos tempos não passaram envoltos numa caricia de intermináveis affectos!...

Não me dá — o alvo doce do mais acrisolado amor.

Viviamos do mesmo modo e dos mesmos desejos viviamos.

Aspiravamos o mesmo ninho e a mesma ventura, que me perturbam.

Ali mas um dia — de repente — fez como que se extinguisse no seu coração esse affecto santo, a ambicção de casar-se, e essa infeliz fez-se victima d'um homem que só lhe amou a carne.

Monstro!

E casaram-se... Teve esse animal um instante de prazer, num triumpho supremo de delicia sensual e na delicia triumphal de um goso, satisfazendo-se em ser sincto de touro, criatura que fôr nova e franzia!

E morta heio. Descançou á sombra dos syrestes.

Que neste instante em que triste recordo esse passado indito, ella possa sentir, junto ao Eterno, a dor que me causou a sua ingratição cruel. Que cinja a sua memoria esta coroa de pranto e de saudade.

EUCLYDES DIAS

Os intervallos

(Cousas de theatro)

Em geral liga-se, entre nós, pouca ou nenhuma importancia aos intervallos, isto é, ao tempo que decorre entre o final de um acto e o começo do seguinte. Já se vê que não me refiro ao espaço de tempo que dura esse interregno na acção da obra dramática, ou do espectáculo, pois que é rudimentar dispor as cousas de modo que o intervallo entre os actos da mesma peça, ou entre diversas peças de um só acto, seja rapido. As grandes demoras em fazer subir o panno impacionam o publico, e portanto, quando o espectador se aborrece e está mal humorado, torna-se mais difficil enterece-lo, alegral-o, em summa, divertil-o — porque, digam o que disserem aquellos que pretendem fazer do theatro escola de medicina criminal, exposição de doenças mentaes, pulpito de enjandimas e deesequilibrios nervosos — o theatro ha de ser, para existir e o publico concorre voluntariamente aos espectaculos, uma diversão agradável e recreativa, não só quando o espectador ria a bandeiras despregadas pelos episodios comicos ou burescos, como tambem quando se entenege e vibre pelos episodios dramaticos ou tragicos.

Póde-se e deve-se, pelo theatro, instruir e civilisar o publico, fazendo-se ao mesmo tempo propaganda de modernos processos e de novos pontos de vista litterarios e artisticos; mas cumpre attender que só voluntariamente é que o publico vai ao theatro; portanto, quando um poeta ou dramaturgo escreve uma obra, que o contrario, que o irrita, que o incommoda, sem contudo conseguir dominal-o e possuil-o, o publico não concorre.

E' ponto assem; emquanto o facto de assistir aos espectaculos dramaticos for um acto voluntario do individuo, ha de ser sempre assim.

Quando, porém, se estabelecer a frequencia aos espectaculos dramaticos, como serviço obrigatorio, então o caso mudará de figura. Ainda assim, estou certo de que haverá espectadores que, a exemplo do que se faz com o serviço no exercito, dêem honorem por se. O contrario consegue-se muita cousa!

O theatro no Rio de Janeiro



Actor Vasques

(Viz pag. 39 do Numero Extraordinario)

Em França, durante diversos períodos de modificações de escolas litterarias e artisticas, tem-se prestado seria attenção aos intervallos. E assim, lembro-me de ter lido, ha annos, nas *Memorias de Dumas paiz*, o interesse e o cuidado que teve o auctor dos *Tres Mosqueteiros*, durante a primeira representação do *Antony* que foi, como que o estandarte do Romantismo no theatro, em substituição do classicismo carunchoso e decadente, para que os intervallos fossem curtos, pequenos e resumidos, de modo que o publico, tomado de assalto, empolgado de chofre, não tivesse tempo para discutir a sangue frio a originalidade dos novos moldes dramaticos, que tanto surpreendiam a multidão. Assim aconteceu; os intervallos decorreram velozes, e *Antony* agradou, Alexandre Dumas foi victoriado, e, e' essa noite celebre, o Romantismo assentou de vez os seus arraiaves no theatro em Paris!

O que entendo que de futuro ha de merecer attenção especial ás pessoas do theatro, é o que se passa no palco, desde que, no final dos actos, o panno desce perante o publico.

O que se ha de escrever parece, á primeira vista, uma *Bernardine*, porque acco ao espirito perguntar, que demonio de relação existe entre o que se passa no palco, desde que o acto terminou, e o publico que está na sala!

Eu me explico. O facto de o panno descer ao terminar um acto, não significa a maior parte das vezes que a acção da obra dramática ficou interrompida; não; muitas occasias ha em que, entre o acto que acabou e o que vai seguir-se, decorrem episodios e acontecimentos que, ou serão conhecidos do publico, porque o poeta l'hos descreve, ou estão teral-o publico de reconstruital-os na sua imaginação, o que é mais frequente.

Beaumarchais tentou estabelecer no palco, durante os intervallos, o uso de pantomimas que fornecessem á platéa o conhecimento exacto do que se passava entre um acto e o outro, isto é, o auctor do *Casamento do Figaro* queria ligar toda a acção da peça — meoano quando o publico decaucava; porque convem notar que os intervallos não são unicamente um decauco para o artista, são igualmente uma repouso para a imaginação do publico, que durante a representação funciona, labora, discorre, raciocina e deixa absorver-se pela acção, até ao ponto de accetar todas as convenções das artes scenicas, julgando presenciar os episodios e até mesmo partilhar dos lances, da paixão e do movimento da obra dramática, a cuja audição assiste. E' sabido que uma das razões pela qual o espectáculo dramático é tão apreciado, consiste no trabalho intellectual e agradável, a que se entrega o espectador por uma forma quasi que inconsciente, — sem determinação da propria vontade, se posso explicar-me por esta forma. A superioridade do espectáculo dramatico sobre a leitura, não é causada sómente por vermos na scena a viva representação da obra dramática, no passo que no romance a nossa

imaginação é que dá cor á paisagem, vida, voz e movimento ás figuras; provém de nos impressionarmos muito mais facilmente, mais poderosamente, com menos esforço de imaginação. E todavia, muitas são as convenções por que é apresentada e fornecida ao publico a obra do poeta.

É preciso, porém, que essas convenções sejam regularizadas; e, a meu vêr, cousa alguma deve nos intervallos alterar a atmosphera de illusão em que se deve viver durante as quatro horas que geralmente dura o espectáculo dramatico. Haja em vista o theatro de Bayreuth—onde Wagner collocou a orchestra occulta aos olhos dos espectadores. Curioso, mas não é visivel.

Em algumas das muitas representações da *Aventuriera*, Coquelina aíné, que desempenhava o papel de Annibal, o ignobil irmão da protagonista da peça de Augier, terminava o primeiro acto como prescreve o auctor, sentado em uma cadeira, bebendissimo, a dormir. Ora, quando sobe o panno, no acto seguinte, Annibal conserva-se na mesma posição, o que significa que durante o interregno da acção elle continuou bebendo como um cacho. Applaudim Coquelina pelo seu trabalho, que, na verdade, era primoroso; é certo que o artista é que era festejado; mas o actor francez, para não desvanecer a illusão dos espectadores, apparecia-lhes, sentado, na mesma attitude em que havia fechado um acto e em que la abriu o seguinte.

Em as representações do *Hamlet* no Theatro Francez, Mounet Sully, o protagonista, no quadro da esplanada do castello de Elsenor, ao terminar a scena, seguia a sombra do pae, papel este que era desempenhado por Maubant. O publico applaudia com enthusiasmo os interpretes, e o tragico francez apparecia á multidão grave, pensativo, meditando; como se fôr Hamlet que de novo percorressa as muralhas do velho castello da Dinamarca!

Cito estes exemplos de dois artistas illustradissimos, que entendem, e muito bem, que em determinadas occasiões não se deve destruir no espirito dos espectadores a illusão que a representação da obra dramatica havia imprimido, uma vez que a acção foi apenas interrompida e o seu desenvolvimento ainda continúa.

É realmente curioso, por exemplo, na *Tosca*, no final do acto em que a protagonista assassinou Scarpia, o cruel personagem que havia posto a fratos o pintor Cavaradasi, vê-os então todos tres e recebendo os applausos do publico, unidos, sorridentes, de mãos dadas!

No *Frei Luis de Souza*, o Romeiro apparece no 2.º acto a D. Magdalena, que o julga morto em Africa, e essa appareição é o amiguimento da sua felicidade; da vida de sua filha Maria, da hora do seu segundo marido Manoel de Souza. Termina o acto, e, para colher as palmas do publico, como de costume, desce ao proscenio, victimas e algoz, em amigavel intimidade!

Seria ridiculo, é certo, que os actores não agradecessem ao publico os applausos que este lhes dispensa; mas com o tempo alguma forma diversa se ha de empregar: porque os espectadores, vendo no palco os artistas vestidos e caracterisados, como representaram e vão ainda continuar a representar, difficilmente abstrahem a personalidade do actor, do personagem que elle desempenha. E tanto isto assim é, que se torna vulgar, em theatros mais populares, onde o publico é mais ingenuo e sincero, presenciar pateadas aos tyrannos e aos personagens de ruim caracter, quando os actores agradecem os cumprimentos do publico. Ora, no final da representação de obra seria então o momento mais apropriado para se premiar o merito e o talento dos interpretes.

E já que estou falando da maneira por que o publico é desilludido no theatro, acode-me aos bicos da pena contar um facto, que demonstra em que curiosas circumstancias é elle por vezes illudido.

A primeira peça que ensaiei, foi, no já destruido theatro dos Recreios — o *Miguel Strogoff*. Havia no quadro da batalha de Kollivan, primorosamente pintado por Manini, á frente da scena, no proscenio, sobre uma pequena rampa, um grupo de camponeses e soldados russos, cahidos por terra, mortos, deitados a sobre os outros. Entre os cadaveres havia duas mulheres. Este quadro era vivamente applaudido.

Quando a peça já tinha uma boa serie de recitas, entra me uma noite, pelo camarim, uma figurante e diz-me:

— Venho pedir providencias. O senhor sabe que sou uma das mortas do quadro da batalha?

— Bem sei... com uma ferida na testa.

— Exactamente. Ora quando estou na scena deitada, ha outro morto...

— Qual d'elles?

— Aquelle morto que trabalha no arsenal...

— O Francisco da Velha?

— Esse mesmo! Pois quando estamos ali todos mortos, elle está sempre a dar-me beliscões... e...

— Hein?!

— Sim, senhor! E em o publico applaudindo muito, é quando o atrevido mais... contende comigo. Nem respira e logar!

— Bem, disse-lhe eu; providenciarei, vá descansando!

Procedi; tratei de substituir o delinquente por outro comparsa mais ajudado.

E esse era homem serio. Quando estava morto... não dava signaes de vida!

O theatro no Rio de Janeiro



Actor Guilherme de Aguiar

(Vide pag. 30 do Numero Extraordinario)

AUGUSTO DE MELLO

Actor societario do theatro de D. Maria.

Na refrega

«Lorsqu'on s'ignore, on nous aime
tant il qui ce soit en riant.»

GENRO.

Deixêmos ás velhas musas
O seu Horacio e Boileau;
Fiquem na sombra, reclusas
N'um credo que já passou.

Agora em vivo recorte
Desenham-se os ideaes;
Correram sópros de morte
Pelos vetustos rosaes.

Que ha de fazer a poesia?
Que missão na terra a sua?
Ninguem hoje a fantasia
Tecendo endeixas á lua.

Dos loureiros perfumados,
Estancia dos rouxinoes,
Cortam-se os troncos mais grados
Para offertar aos heroes.

E é tanto, que o florentino,
Do porvir tendo a noção,
Honrando o poeta divino
Poz-lhe uma espada na mão.

Que se torne ao enleio vago
Nenhum credulo imagine;
Foram-se os cysnes do lago,
A findar em Lamartine.

As aguias libram-se audazes
Na vastidão sideral,
Deixando arróbos fallazes
Aos passarinhos do val.

Recuam-se os horisontes,
Novas crenças, novas lidas...
As pegureiras dos montes
São divindades fallidas.

A natureza, a mãe-terra,
Já se não faz pastoril;
As epopéas de guerra
Não são canções de arrabil.

Gaurini, se renascesse
N'este meio transvertido,
Talvez que em buchas fizesse
As folhas do *Pastor fido*.

Que o viver, todo elle agora,
E' lucta, inveja, ambição...
Ha relampagos na aurora,
E abysmos no coração.

Sonhos de paz e innocencia
Quebrou-os a realidade;
Fez-se arena esta existencia
Da protervia e da maldade.

Assim, n'um mundo sem norte,
Que enlaça ardis e traições,
Os homens d'animo forte
Andam sós, como os leões.

Vão-lhes, por vezes, no encaço
As hienas e os chacaeis;
Mas vê-se que o bando falso
Não é de leões reaes.

Caminhar, seguir attento
O tropel medonho e escuro,
Dar vélas ao largo vento,
Não pôr embargo ao futuro;

Sei que é lei, sei que é progresso,
Que é fatal que seja assim,
Que todo o fructo em comêço
E' agro, é feio, é ruim;

Que hoje, como no passado,
Tem de haver magoa e oppressão;
Que o trigo ha de ser pisado
Para que possa dar pão.

Mas se entristeço, aceitando
O que não posso affrontar,
— Veio d'agua, que, espumando,
Tem de ser gota no mar;—

Se a minha pena é sincera,
Crendo que, n'esta ancia a flux,
Ninguem bem sabe o que espera,
Ninguem no extremo vê luz;

E' que os hymnos da peleja,
O brado dos escarcéos,
Não tem um som, — um, que seja,
Que vá da terra até Deos!

Monumentos



MONUMENTO A D. PEDRO I

A protecção ás aves uteis á agricultura

No magestoso scenario da natureza figuram, entre as classes em que os zoologos dividem os seres animados, duas que são particularmente importantes debaixo de muitos pontos de vista. São as aves e os insectos.

Julio Michelet, cujo espirito se dedicava principalmente aos estudos historicos, de que nos legou numerosos volumes, tambem não resistiu á tentação de estudar aquellas duas classes, escrevendo dois livros mimimos e uteis — *L'Insecte e L'Oiseau*.

As aves são devers interessantes pela sua utilidade economica, proporcionando-nos a alimentação e a plumagem, pelo seu papel decorativo na paisagem e na habitação, por constituirem objecto d'uma apreciada distração — a caça, e pela importantissima função de repressão que desempenham contra a exaggerada multiplicação dos insectos.

Esta classe dos insectos, que é decerto a mais generalizada do reino animal, comprehende especies uteis, preciosas em relação aos servicos que prestam ao homem, como são, por exemplo, as abelhas e os bichos da seda, mas o maior numero é constituído por especies inuteis ou pelo menos cujo prestimo é desconhecido, e tambem por muitas que são imensamente nocivas.

As sementes, comprehendendo-se n'esta designação os grãos cerealíferos e os legumes, os tuberculos, os fructos e as fibras, as folhas das arvores, das cevas, das plantas hortícolas, etc., nada escapa á voracidade de myriades d'insectos variados, que providencialmente, vão sendo destruidos em todas as phases da sua existencia pelas aves.

O eminente Pasteur, estabelecendo a moderna doutrina microbiana, demonstrou, que os seres infinitamente pequenos produzem efeitos imensamente grandes; porèm se da acção de milhões de seres microscopicos resulta a transformação radical da materia, não é menos verdade tambem que a acção exercida pelos pequenos insectos é enorme e superior a tudo quanto se possa suppor.

Todos os insectos são imensamente prolificos e algumas especies possuem esta qualidade em grau excepcional.

Parece que cada fema do besouro produz 70 a 100 ovos; a pyrale, que tantos estragos causa nas vinhas, produz 100 a 120; o ralo 200 a 400; o bicho da seda 300 a 700, etc.

Na ordem dos *orthopteros* ha a conspícuo extraordinaria fecundidade da *Termes lucifuga*, assim chamada pela sua tendencia a evitar a luz, e que não é senão a *formiga branca*, bem conhecida pelos seus effeitos desastrosos na Africa occidental.

Um observador (Bofinell) recolheu um litro de larvas d'uma especie, n'uma porção de viga de extensão de um metro e obteve uma produção de 30,000 individuos novos em 20 dias.

Certas especies apresentam-se por vezes representadas por massas consideraveis, cuja acção é fortemente destruidora.

Uma narração biblica descreve que n'uma noite desceu sobre o Egypto uma tal quantidade de gafanhotos (*Aeridios*) que foi devorada toda a herba, desaparecendo os fructos e a folhagem de todas as arvores. Foi a 8.ª praga do Egypto.

Depois da derrota de Faltawa (Pedro o Grande contra Carlos XII, em 1709) as tropas d'este ultimo foram obrigadas a parar n'um desfiladeiro. Os gafanhotos combateram a marcha d'um exercito, enguando homens e cavallos.

O viajante ingles Barrow nota que na Africa Austral, em 1797, estes insectos cobriram o solo n'uma extensão de duas milhas quadradas, e que, impossibilitados para o mar por um vento violento, formavam perto da costa um banco de mais de um metro de altura n'uma grande extensão.

Em 1845 o general Lyaillat viu em Philippeville (Algeria) uma nuvem de gafanhotos de 3 a 4 myriametros de extensão, que formou sobre o solo uma camada de muitos centímetros de altura.

Em Argel e em Algerias suas vias para combolos de caminhões de ferro, retidos na sua marcha pela accumulção de gafanhotos ou de lagartas.

Tem ficado celebres as seguintes invações de gafanhotos: em 1552 na S. b.aria, em 1556 em Milão, em 1618 em Marsella, em 1693 na Thracia, e n'uma parte da Alemanha, em 1712 na Silesia, em 1747 e 1748 na Valachia, na Hungria, etc., em 1749 na Austria e na Baviera, em 1750 em Brandeburgo. Em 1713 Marsella gastou 20.000 fr. e Arle 25.000 fr. em premios pagos pela destruição dos *Aceridis*, sendo colhidos 123.000 kilogrammas de *Aceridis* e 12.200 kilogrammas de ovos.

Portugal e Hespanha tem sido, atreves dos reculos, muito perseguidos pelos *Aceridis*, que por vezes tem exercido fortes devastações.

Ainda em 1890 o governo portuguez ordenou providencias tendentes a exterminar os gafanhotos, que em grande invasão ameaçavam destruir as culturas da provincia do Alentejo. Foram prcos premios pela destruição de 500 e tantos mil kilogrammas de gafanhotos.

Mas não são só os gafanhotos os grandes destruidores.

Calcula-se que 16 os estragos produzidos pelos besouros em França representam um prejuizo annual de 250 milhões de francos.

Não indica, pois, a verdade dos factos a idea expressa na legenda *Matacão da innocente*, inscripta n'um quadro de Roby, que se tornou distincto no Salon de Paris em 1865 e que representa paradas devorando besouros.

Os insectos apparecem por toda a parte.

Onde o sol faz germinar uma planta, surgem os insectos; onde desbrocha uma flor, avoaça uma borboleta.

A cada planta corresponde um ou mais pequenos destruidores.

La vie a couteur d'elle en elle, son ennemi, le plus souvent son hôte, le parasite qui se méle à la rose, se cache sous le feuillet et se livre à l'oiseau.

Ha plantas que sustentam 10, 30, 50 especies d'insectos.

Deus preparou o grande banquete da natureza convidando para elle todos os seres animados, que n'elle polo tomam parte por direito proprio.

Os homens, porém, vindo serenos a sua produçoes agricolas, procura reduzir o numero de boas familias, que pretendem partilhar das suas colheitas; n'esta campanha é secundado pelas aves, que lhe prestam enormes servicos.

Na sapientissima organisação do plano da creação, a natureza estabeleceu a pollicia de represso contra a ex gerada multiplicação dos insectos.

Essa pollicia, exercida por habes cogedores, de olhar penetrante, e armados com os instrumentos mais apropriados ao genero de caça, que foi distribuido a cada especie ou a cada genero, é constituída pelas aves, que tanto nos encantam pelas suas formas elegantes, pelas brilhantes cores da sua plumagem, pela seus gongos, por tantos atractivos como os de delicias.

No seu coudanavel egoismo o homem, progre, ingrato para com os seus melhores auxiliares, n'esta luta, destroe implacavelmente as aves.

O homem, *vassallo de Deus e rei da creação*, como escreveu Buffon, na sua *Linguagem aprimorada*, nem sempre, como afirma aquelle sabio escriptor, concorre com a sua avidez e com o seu enforço para a coeservação da harmonia do grandioso plano da creação.

Este é um dos casos.

As creanças, innocentes do mal que originam, e os homens, dominados pelo espirito do materialismo, que não attende senão á seducção do lucro, embora obtido á custa do estancamento das fontes das riquezas, que constituem o assumpto d'um commercio activo, são as causas determinantes da destruição, feita em larga escala, de muitas especies aladas, tão necessarias, tão úteis, tão essenciais para a manutenção do justo equilibrio das manifestações da vida animal.

Desde muito que os homens, que ás suas faculdades de intelligencia alliam os melhores impulsos do coração, sineros admiradores das maravilhas da natureza e das harmonias da creação, tem procurado corrigir a tendencia tão prejudicial, como generalizada de destruir, indistintamente, sem seleccionar na hecatombe, determinada por motivos gananciosos ou de mero capricho, as aves úteis das aves daninhas.

São verdadeiramente incommensuraveis os servicos prestados pelas aves na destruição das larvas e dos insectos, que, sem esta eliminção constante, se propagariam n'uma escala enorme.

Em alguns paizes — na Alemanha, na Austria, na Bohemia, etc., não só se impede a destruição das aves, como se favorece a sua conservação, alimentando no tempo da falta pelas proporcionando-lhes as brigas e ninhadas artificiaes, o que praticamente se realisa segurando vasos de barro, convenientemente guardados nas paredes das casas, collocando caixas de madeira sobre elevadas poeiras, de modo que as aves fiquem ao abrigo dos ataques dos quadrupedes caraviteiros, etc.

Entre nós como contraste temos consignada na legislação de muitos municipios do reino a obrigação de apresentarem os lavradores e os proprietarios de terras, com cabeças de paradas, que não são beneficos para a agricultura destruindo larvas e insectos perigosos, que se contrariam por centenas de milhares e que parariam muitas toneladas.

O *Codigo civil portuguez* contém alguns artigos em relação ao assumpto o que consta do artigo 303.º e que é o seguinte:

«É absolutamente defeso destruir nos predios alheios os ninhos, ovos ou ninhadas de aves de quaisquer especies.»

E mais nada.

Não basta prohibir a destruição dos ninhos, dos ovos e das ninhadas nos predios alheios; a prohibição deve generalisar-se aos dominios proprios, isto é, ao proprietario não deve ser permitido exterminar n'seus dominios, as aves bravias úteis á agricultura.

Em França levantam-se muitos clamores contra a destruição das aves.

Quantidades enormes de caça, carregando wagons de caminhões de ferro, constituem mercancia que é objecto de activo commercio.

As exigencias requisitadas da alimentação requerem este exteriorio; as industrias da moda constituem a maior voragem para os pequenos seres alados por causa da variada coloração das penas.

E não é só o commercio interno da França, mas tambem a exportação, que determina esta hecatombe.

A exportação de penas subiu em poucos annos de 5 milhões de francos para 40 milhões!

Ha muitos annos que a Sociedade dos agricultores de França se occupa da necessidade de se estabelecer uma legislação internacional que proteja, em todos os paizes, as aves úteis á agricultura.

O grande propagador da idea, na Sociedade, tem sido nos ultimos annos Mr. Alberto Duval.

N'um congresso celebrado em Berne, em 1894, foi approvada uma proposta para que todos os paizes accordassem n'uma legislação commum de protecção ás aves.

O dr. Ohlsen foi o um das grandes propagandistas da idea.

Delegado pelo governo italiano teve occasio de tratar do assumpto junto do ministerio da agricultura de França e de varias sociedades francezas muito directamente interessadas, tacs como a de horticultura, etc.

Em Vienna, na Haya, etc., haviam sido celebrados congressos, onde homens de sciencia e muitos praticos tinham considerado o assumpto de grande interesse para os que se occupam dos labores agricolas.

Anasudrece finalmente a idea; chegou a oportunidade por tantos desajada.

Em 25 de julho de 1915 celebrava-se no ministerio da agricultura em Paris, a primeira sessão da commissão internacional para a protecção ás aves úteis á agricultura.

Sob a presidência do ministro da agricultura achavam-se reunidos 34 delegados representando a Alemanha, a Austria-Hungria, a Belgica, a Hespanha, a França, a Gran Bretanha, a Grecia, a Italia, o Luxemburgo, os Paizes-Baixos, Portugal, a Suedia, a Noruega e a Suiza.

Eleito presidente effectivo Mr. Méline, que mais tarde foi presidente do conselho e ministro da agricultura em França, a commissão internacional discutiu e votou, em quatro sessões, um projecto de convenção, que os delegados dos diferentes paizes se obrigaram a submeter ao exame dos seus respectivos governos.

O projecto de convenção devia completar-se com uma declaração tendo a mesma forma, o mesmo valor e a mesma duração como a propria convenção. Ao governo portuguez foi enviado, em 1896, o projecto de convenção, que não chegou ainda, que nos consta, a ser ratificado.

Pois o assumpto é sympathico e importante, devemo mercer as atencões dos governos.

Decerto que não será um erro de apreciação attribuir o grande incremento da multiplicação dos insectos á exagerada destruição das aves. Em todos os paizes do mundo seria da maior utilidade desenvolver uma propaganda energica em favor da protecção das aves úteis á agricultura.

A classe alada, tão termo e tão sympathica ao homem, é cruelmente perseguida por elle.

Protecção para ella pedem os pensadores.

E, apesar de modestos como são os seres plumosos, são elles dignos da attenção dos altos poderes dos Estados e assumpto de convenções internacionais.

E na ordem de ideas, que determinam essas convenções, não são as especies mais elevadas na hierarchia aquellas que mais attenção merecem o maior interesse dispartem.

São as mais pequenas, as mais modestas, os mais sympathics reunem. A agulha é destronhada, o rouxinol é exaltado.

E para concluir não poderiamos escrever palavras que mais condensassem o procedimento do homem em relação ás aves, do que transcendendo ainda palavras de Michel:

«L'avare agriculteur, mot juste et senti de Virgile. Avare, aveugle, rébellé, qui prosécrit les oiseaux destructeurs des insectes et défenseurs de ses moissons.»

«Pas un grain à oeil qui, dans les hivers pluvieux, poursuivant l'insecte à venir, cherchait les nids des larves, examinait, retournait chaque feuille, détruisait chaque jour des milliers de futures chenilles. Mais des sacs de froment aux insectes adultes, des champs aux sauterelles que l'oiseau aurait combattues!»

«Les yeux sur le sillon, sur le moment présent, sans voir et sans prévoir, aveugle sur la grande harmonie qu'on ne rompt pas en vain, il a partout sollicité ou applaudi les lois qui supprimait l'aide nécessaire de son travail, l'oiseau destructeur des insectes.»

Lisboa, 1900.

FRANCISCO SIMÕES MARGOCHI.

(Pardo do Reino - Agronomo)

FRUCTOS DO BRASIL



Gravura extrahida do *Atlas nouveau de toutes les parties du monde* (Existente na Bibliotheca da Escola Naval de Lisboa)

FRAGMENTOS

De um libreto esperando partitura

(Os soldados de um destacamento, que recolhe a Lisboa afim de embarcar para a Africa no dia seguinte, estão rindo e folgando em dança de roda, á espera do comboio. ANDRÉ velho lavrador, pae de um d'elles, a contemplar aquella alegria:)

ANDRÉ

Commovem fundamente as multiplas surpresas,
Que dão singelo encanto á vida militar;
Em horas de prazer rebentam as tristezas,
E aos lances de alegria enlaça-se o pesar!

Agora o desalento a dar guarida á esp'rança,
E logo a esp'rança immersa em lagrimas talvez;
Cuidados, entre os quas veceja a descuidança,
Leveza de pensar em grave sisudez!

Marcha o soldado alegre, a Deus e á ventura,
Sem ter hoje seguro o dia de amanhã;
D'amores e desdens vivendo, só procura,
Embora sempre em vão, da gloria a sombra vã.

(Interrupção de outros interlocutores)

ANDRÉ *(proseguindo)*

Do estridulo clarim o som, de serra em serra,
Resturge, conjugado aos rufos do tambor.
E, em brado clamoroso, a rude voz da guerra
Completa da corneta o nitido clangor.

Produz seco estalido a andar fusilaria,
Estrepito o tropel de ferros esquadrões,
Sibillos a metralha e horrisona harmonia,
No trom caso e soturno, equiferos canhões!

E tal contesto faz da guerra o infernal hymno,
E acende, n'alma em fogo, insolito calor
Da lucta na embriaguez, — sublime desatino,
Que gera, no entusiasmo, alentos de valor!

E a guerra, sem piedade, impelle para a morte
E a victima sorri, e o martyr faz-se heroe;
Escravo do dever, bendiz a sua sorte,
E morre! que o morrer é dôr que lhe não dóe!

(sensibilizado)

Mas ah! que ao soldado a vida, com taes brillhos,
De lagrimas se apraz, em lances infernaes;
Que a patria, sem ter dô, nos vem roubar os filhos,
Deixando immerso em dôr o coração dos paes!

(a soluçar)

(Outra scena, depois de lhe dizerem que o filho está para desertar por amores).

ANDRÉ *(commovido)*

Desertor! Oh deuses piedade!
Não deshonres estas cãs.
Que eu cheguei á velha idade,
Sem affrontas tão villãs!
São honrados os meus dias,
Minhas forças consunui-as
Na labuta pelo bem,
O que tenho e o que valho
E' o fructo do meu trabalho,
Não deve nada a ninguém!

Desertor! Antes saudoso
Por ver o filho partir
Que de um labéu affrontoso
A' vergonha succumbir!
Tambem fui homem de brios,
Os meus deveres cumpri-os
Pela patria e pelo rei;
Corri da guerra os azares
E os deveres militares
Que são severos bem sei!

Desertor! Mas essa velha
Que é mãe! que é fraca mulher!
Dá-lhe, ó Deus, n'uma scentelha
Do teu immenso poder
Coragem p'ra que no lance
O seu coração descance
Cheio de esp'rança e de fé!
P'ra pobre mãe sê clemente:
Mostra assim bem claramente
Quão grande o teu poder é!

Semeia embora de abrolhos
O meu caminho fatal,
E tira-me a luz dos olhos
E a abundancia do casal.
Mas á mãe, ó Deus, te peço
Dá-lhe a esp'rança do regresso
Do filho do seu amor?
E elle... Que a patria m'o tome,
Mas, ao menos, sobre o nome
Do labeu de desertor!

A. M. da Cunha Bellem.



Jurisconsultos brasileiros



DR. SALDANHA MARANHÃO

Ha ignorantes tão altivos, que se desprezam de perguntar, ou porque presumem que tudo sabem, ou porque não presumem que lhes falta alguma coisa por saber. Deus guie a nau onde estes forem os pilotos.

Não pode haver mais bem servida republica do que onde os logares forem os pretendentes, e os homens os pretendidos.

Quem quer ganhar honra, não se ha de entregar ao descanço.

P. ANTONIO VIEIRA.

Em uma lingua tão viva como é a portugueza, e tão distante do seu fim, que apenas tem passado os annos da sua infancia, razão é que com curiosa discrição, os mais laboriosos engenheiros se apurem em procurar com selectas dicções os seus augmentos.

BLUTEAU.

PENSAMENTOS

Zombar dos bons conselhos é dispôr para as ruínas.

O nome de Maria significa mar amargoso; mas não deixa por isso de ser doçura, como a invocamos.

GUIMARÃES PASSOS
«Autor da letra do Hymno do Centenario»

assemelha-se a um deserto que bebe avidamente a chuva do céu e nada produz.

(MAXIMAS ORIENTAES).

Ex-voto

Ser generoso e justo, amar a Paz e o Bem;
Ennobrecer a Vida e ver no mundo um Templo;
Eis a clara noção, o salutar exemplo,
Que das almas dos bons eternamente vem!

Felizes os que são d'essa familia amada!
Um anno mais, que passa, apenas lhes descerra
Colorações de céu em cada grão de terra,
Marcos de nova luz em cada legua andada!

AFFONSO VARGAS.

Costuma o inverno esforçar as fontes e accrescentar os rios; mas se cresce em vigor, ata e endurece as aguas, suspende as correntes dos rios, e até o mar salgado congela.

FR. LUIZ DE SOUSA.

O tempo é um charlatão que escamoteia o presente, fazendo brilhar o futuro.

FONTENELLE.

O coração do ingrato do assemelha-se a um deserto que bebe avidamente a chuva do céu e nada produz.

Escriptores brasileiros



CASTRO ALVES

Hymno do Centenario

I
Mar em furia... e no mar caravelas...
Ruge o vento; dos raios a luz,
Vê-se o sangue de Christo nas velas,
Derramado nos traços da Cruz.

como
Ha perigo de algum naufragar!
Marinheiros não temem o mar.

II
Formidavel redobra a tormenta,
Mas as nosas santas Ideias combuz;
Sua audacia o perigo accrescenta:
Tem de Christo nas velas a Cruz.

como
Ha perigo de algum naufragar!
Marinheiros não temem o mar.

III
Nuvens negras e vento bravo
Deus, a um gesto, sereno, reduz;
E, das ondas a frota o navio
Vae soberbo, — nas velas a Cruz!

como
Ha perigo de algum naufragar!
Marinheiros não temem o mar.

IV
Ah! já sopram as brisas fagueiras!
Ah! já treme se avista! Eis! Sus!
Verdes frondes ali, allaniteiras,
Já contemplan nas velas a Cruz!

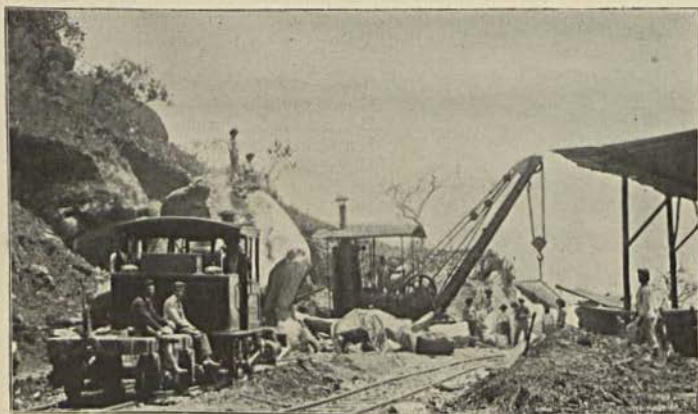
como
Adiante, adiante! Avancar!
Marinheiros não temem o mar!

V
«Marinheiros: joelhos em terra!»
(E, instando o padrão de Jesus)
«Tenha a benção que o symbolo encerra»
Diz Cabral, eis aqui Santa Cruz!

como
Gloria a Deus, que nos fez sporiar
A esta terra, no mundo sem par!

GUIMARÃES PASSOS.

INDUSTRIA BRASILEIRA



PEDREIRA DO MORRO DAS PEDRAS — BELLO HORIZONTE (Minas Geraes)

NOJAS DA QUINZENA



Monumento a Sousa Martins

O MONUMENTO a Sousa Martins, do escultor Queiroz Ribeiro, aqui fica a mostrar que para os filhos que melhor a serviram e mais a amaram nem sempre a patria é ingrata.

Não obstante um dos mais abalizados professores da Escola Medica ter dito n'um discurso que ficou memoravel que havia no «monumento singelo, gracioso e expressivo do grande medico portuguez Sousa Martins, singeleza conforme á de sua vida e condiçãõ, graciosidade de linhas consoante a do seu espirito, expressãõ e cumbo de gravidade, qual fóra a do seu caracter — a verdade é que a arte, nas suas linhas esculpturales teve de se declarar apoucada e vencida ante a magnitude do assumpto e a responsabilidade da sua missãõ.

De util, de grande, de edificativo, tem isto o monumento: é que d'ora avante, os que passem defronte do edificio da Escola Medica, que foi o theatro das glorias do sabio professor, duas coisas apprendem e fixam. Os que melhor o conheceram dirão: era uma divida nacional a divida que se lhe pagou. Por entre tantas injustiças flagrantes, tantas ingratidões, praticou-se com este homem um acto de gratidão e de justiça.

Os que d'aqui a mais longos annos, os que não conheceram Sousa Martins, perguntem que monumento é esse, bastar-lhes-hão como resposta as palavras com que o dr. Serrano fechou o seu discurso no dia triumphal da inauguração: «é o primeiro bloco de bronze, em que publicamente — graças a Sousa Martins, o glorioso plebeu — se asselã em Portugal a nobreza da medicina.»

A essa glorificação posthuma e justissima associaram-se o chefe do Estado e a Rainha, e no espirito de cada um de nós nasceu um applauso incondicional por esta alta comprehensão do dever que assiste áquelles que occupam a mais alta escala da hierarchia social, qual é o de honrar por todas as fórmãs, mormente depois da morte, aquelles que mais contribuíram para o progresso da nossa formosa terra, a par de prestigio do nome nacional.

Os professores e alumnos de todas as escolas de Lisboa tomaram tambem grande parte na homenagem prestada a Sousa Martins. E' que ninguém podia sentir como elles a falta do companheiro illustre que os honrava a todos; de mestre incomparavel de todos querido. E ao lado de quantos apprendiam ou ensinavam a sciencia, representantes de todas as outras classes da sociedade portugueza, que toda parecia partilhar o prestigio d'esse nome e a gloria d'essa consagração.

A camara municipal de Lisboa pertence a guarda d'esse monumento. Conferiu-lhe essa honrosa investidura a desvellada commissãõ que levou a cabo homenagem tão alta, tão digna e tão patriótica. Guarde-o preciosamente, amorosamente, o primeiro municipio do

reino. Conserve-o com o culto mais fervoroso e cordial, porque são os grandes homens que nobilitam a patria e a tornam maior.

Quem salvou este anno o carnaval de Lisboa foi... o Porto. Nos bailes de mascarar, alvares e sensaborões, quem *poz* a nota hilaritante do espirito foi... o Porto. Não é caso para se dizer: *du l'esprit est tel se nicher!* mas é motivo de sobra para felicitarmos por esta agradável e inesperada invasão a segunda cidade do reino.

Por uma fórmã pratica, viva, moderna, o Porto quiz desforrar-se de não fazerem nos ultimos tempos senão chamar-lhe injustamente terra de mercantes, e de, antes d'isso, toda a gente passar a vida a chamar-lhe: a invicta, a cidade da Virgem, o baluarte da liberdade que conserva o coração de D. Pedro IV, etc.

São titulos muito honrosos é certo, mas uma cidade que se presa cança-se de ouvir a mesma cantilena, e sente-se de lhe não chamarem mais nada, ainda que em novos titulos houvesse qualquer coisa de picante e suggestivo.

Fizeram-lhe a vontade e desforraram-n'a patrioticamente... duas mascarar, dois filhos seus, que sabem ao mesmo tempo trabalhar como artistas e ter graça... ás carradas.

Um d'elles, Alexandre Correia, ahi está representado na sua verdadeira effigie, do outro não se prestou á reprodução o retrato que obtivemos. Ambos vestidos a caracter, o Zé Povinho e o Zé Palongo, damol-os n'esta pagina, na certeza de que vão despertar lembranças e avivar saudades as suas figuras mascaradas, tão comicar e tão portuguezas. Quem percorra os bailes de Lisboa, no carnaval, não esquece mais esse repentista e engraçado Zé Povinho, que poetava com tanta espontaneidade e tanto chiste, que á maneira dos *conversadores* do Minho, nos seus descantes, com tanta graça e a proposito sabia glosar todas as deixas que lhe dessem á laia de mote. E depois não se sabe ainda que espirito de orelha lhe segredava a vida de toda a gente, que aquelle Zé Povinho do Porto conhecia Lisboa e os seus habitantes... como os seus dedos.

D'ahi o exito que elles obtiveram, e bom foi assim, porque d'aqui a um anno cá os temos... para darem nova cajadada na sensaboria e novas glorias ao Porto...



ALEXANDRE CORREIA JUNIOR



Os mascarados do Porto em Lisboa

Os nossos Vinhos do Alto Douro

A casa Constantino d'Almeida
em Villa Nova de Gaya



Secção de engarrafamento

Posso que a principal riqueza do paiz é o vinho e o commercio de vinhos o mais importante de todos, muito de proposito procuramos, nas paginas d'esta Revista, accentuar o valor das casas que pelo trabalho proficuo de muitos annos, pela importancia e pela seriedade, mais longe têm levado com o credito do seu nome o credito d'este importantissimo ramo de commercio nacional.

Não ha muito ainda que algumas columnas do *Brasil-Portugal* eram consagradas á reprodução pela photogravura das grandes officinas e armazens de Azeitão, que com o nome de José Maria de Fonseca Successores não alto tem levantado o prestigio dos vinhos moscateis espalhados aqui e em todo o Brasil.

Hoje, na nossa faina de tornarmos conhecidas de todos os publicos as casas produtoras ou commerciaes, de maior renome, transportamo-nos de Azeitão ao Porto, atravessamos o Douro, demoramo nos em Villa Nova de Gaya, e passamos essas horas a visitar os importantissimos armazens e escriptorios do sr. Constantino de Almeida, cujo retrato faz parte da gravura que encina esta pagina.

É na presença de uma vasta casa commercial que nos encontramos, sendo o principal commercio d'ella: exportação de vinhos para os portos de Africa e do Brasil.

Antes porém de lá estarem acreditados, já as primeiras cidades de Portugal os tinham consagrado, a começar por Lisboa, onde se encontram nos mais conceituados estabelecimentos.

Na casa Constantino de Almeida as marcas de vinho de maior exportação são estas: *Old Port Wine*, *Santa Maria*, *Constantino* e o *Vinho Precioso da Quinta da Torre do Alto Minho*, a qual está sob a administração da mesma casa.

Ao lado d'estas, outras marcas são tambem conhecidas de sobejo no paiz inteiro, e a titulo de curiosidade as damos aqui: *Flor do Douro*, *Eureka*, *Princeza*, *Saudavel*, *Confortavel*, *Malvasia*, *Dourada*, *Moscatel Delicia*, *S. Gabriel*, *Duque*, *Especial*, *1834*, *Florido Toscano*.

Além das terras de Portugal e colonias, o Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Rio Grande do Sul, Montevidéo e Buenos Ayres, teem por tal forma estabelecido a reputação d'estes vinhos, que o consumo d'elles, em larga escala, honra devéras o commercio portuguez.

Além d'elles, produz ainda a casa duas magnificas qualidades de cognac das marcas *Marie Alice* *** e *Moscatel* *** muito apreciadas no paiz e conhecidas no estrangeiro onde rivalisam com algumas das mais conceituadas.

Vinhos que tanta fama adquiriram d'onde procedem? Da região do Alto Douro, d'essa região abençoada que tantas riquezas tem creado e desenvolvido. De lá são conduzidos em pipas para esses característicos e uteis barcos rebellos, que navegam em todo o rio Douro, e os transportam até ao Porto descarregando-os nos diversos caes de Villa Nova de Gaya.

Antes de ser o vinho de qualquer marca entregue ao consumo publico, é examinado nos laboratorios do paiz, e da mesma fórma no laboratorio do Rio de Janeiro. O do Real Hospital de S. José, por exemplo, tão rigoroso e exigente, não só tem examinado os vinhos da casa Constantino de Almeida, de Villa Nova de Gaya, mas tambem por varias vezes os tem adquirido para a sua pharmacia.

Podessem todos aquelles que no nosso paiz se dedicam á industria e ao commercio vinicola usar da seriedade e da lisura, nunca desmentidas, da casa que nos está occupando, e não teriamos que lamentar frequentemente o abastardamento d'este importantissimo ramo da actividade portugueza, que traz a adulteração aos productos expostos e o descrédito de um commercio que tem sido uma das fontes mais abundantes da riqueza publica.

Para se avaliar a excellencia d'estes vinhos, bastará vêr como tem sido recompensados os esforços e premiado o trabalho do chefe da casa de Villa Nova de Gaya.

Estão registadas no Ministerio das Obras Publicas, para que da sua authenticidade ninguém possa duvidar, todas as recompensas conferidas aos vinhos de Constantino de Almeida. As exposições de Marselha, de Bruxellas de Anvers, de

Nice, a Exposição Agricola de Villa Nova de Gaya, a Exposição Internacional de Saint-Etienne, a Académie Nationale de Paris, conferiram-lhe a medalha de ouro, ao passo que outras lhe concediam diplomas de honra e o *Jury hors concours* da Exposição de Nice lhe dava o *Grand Prix*. Nem passe despercebido que a medalha d'ouro da classe 31.^a (vinhos de consumo) conferida por occasião do Centenario Henriquino, pela Exposição Agricola Industrial de Villa Nova de Gaya, foi a unica de tão subido merito dada por esse jury.

Representam as nossas duas gravuras a *Secção de Engharramento* e o *Armazem Principal dos Vinhos Licorosos*. E n'essas duas casas que o trabalho toma maiores proporções. Ficam-lhes annexos os depositos de garrafas importadas, da caixaria, e das caixas de vinhos promptos para embarque.

Tambem não deixa de ser interessante a conducção d'estas caixas, ordinariamente feita por numerosas mulheres que as transportam á cabeça, uma a uma, até ao caes da Cruz para grandes barcaças, que depois são rebocadas para o porto de Leixões, onde são recebidas a bordo dos paquetes que se destinam á Africa e ao Brasil.

Temos dito o bastante para se fazer ideia do movimento da casa Constantino de Almeida, e da fórma porque ella tem contribuido para o commercio dos nossos vinhos do Alto Douro.

Palavras justas, de incitamento e de louvor, não as regatearemos nunca n'estas columnas áquelles que na esphera da sua actividade prestem ao paiz serviços de qualquer natureza.



Armazem principal dos vinhos licorosos

PAISAGEM



R. Marinho

Desenho de ANTONIO RAMALHO

BRASIL—PORTUGAL

Composição e Impressão
 Texto e capa: Companhia Nacional Editora
 Largo do Condé Barão, 50
 Agências supplementares: Off. Estevão Nunes & F.ª
 Rua d'Assumpção, 18 e 24
 Romance: Typographia Castanhêiro
 Calçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores
 Augusto de Castilho, Jayms Victor, Lurjô Tavares
 Editor
 Luiz Antonio Sanches
 Redacção e administração—Rua Trevis, 52
 LISBOA
 Endereço telegraphico—BRATUGAL

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	{ moeda brasileira.....	Anno.....	6\$000	6\$000
Numero avulso	28\$500	6 mezes.....	28\$500	28\$500
		3 mezes.....	14\$250	14\$250
		Numero avulso.....	8\$500	8\$500

SUMMARIO

da familia brasileira—D. Julia Lopes de Almeida.
 A pintura no Brasil—Colônia—Gonzaga Duque Estrada.
 Sonatinas—conto de Euclýdes Dias.
 Os intervallos—Augusto de Mello.
 Na Refrega—Versos de E. A. Vidal.
 Protecção ás aves nivas á agricultura—Simões Marghi-chi.
 Fragmentos—Versos de M. A. da Cunha Belém.
 Fragmentos.
 Escritos—Versos de Affonso Vargas.
 Hymno do Centenario—Versos de Guimarães Passos.
 Notas da Quinzena.
 Os nossos vinhos do Alto Douro.

Paginas supplementares

Os nossos correspondentes.
 Numero Extraordinario
 Anecdotas.
 Cultura de jardins e hortas.

CARTAS DA QUINZENA

34 ILLUSTRAÇÕES

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A imprensa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

- RIO DE JANEIRO — S. PAULO—Agencia Central dos Estados do Sul. Coronel Theodilo Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua da Alfândega, 4, sobrado.
- PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira.
- PARA—Manoel Ferreira Santos Junior (casa Vervel).
- MANAOS—Lino Aguiar & C.ª
- MARANHÃO—Leocadio J. de Medeiros & C.ª
- CEARA—Salles Torres & C.ª
- BAHIA—Souza Vianna & C.ª Ru do Outeiro, 2.
- PELOTAS—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).
- PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).
- RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

- BOLAMA (Guiné)—Cesar A. Gonvela da Silva Romem, Theousoeiro geral da Provincia.
 - MOSSAMEDES—José Maria Pereira, escrivão e tabelião.
 - QUELIMANE—Henrique Lima.
 - ENEGUELLA (Egypto)—Matheus & Tavares.
- ### No Continente
- PORTO—(Agente geral no Porto e no norte) Antonio Couto Ferrazadas, Rua de Camões, 11, A, 2.ª
 - EVORA—(Agente geral em Evora e no Sul) Luis Freires Correia, director da fiscalisação dos tabacos.
 - BENAVENTE—J. N. S. Carvalho.
 - PONTE DE LIMA—Gama, Amarel & Com.ª.
 - COIMBRA—João Ribeiro Arrobas, Arco de Ivo, 1, 2.ª

NUMERO EXTRAORDINARIO

Já foi entregue a todos os nossos assignantes do 1.º anno, em Portugal, o prometido brinde que é o numero EXTRAORDINARIO commemorativo do descobrimento do Brasil.

Este numero, que forma um elegantissimo volume com cerca de 200 paginas e 200 gravuras, impressas com rara nitidez em soberbo papel de luxo, encontra-se á venda em todas as livrarias da capital e nas agencias Jo Porto, Coimbra e Evora, no preço de 18\$00 reis o volume, o que representa um *tour de force* verdadeiramente assombroso n'um paiz em que só costumam ser pagas por suado preço publicações d'esta grandeza. O numero EXTRAORDINARIO repleto de artigos ineditos, e formando um precioso documento historico, deve causar sensação não só no Brasil, onde vai ser espalhado profusamente, como em todo Portugal, Africa e estrangeiro. O numero EXTRAORDINARIO é firmado por mais de cem nomes de escriptores notaveis portugueses e brasileiros.

E' de recer, pois, que OS NOSSOS assignantes hajam recebido com agrado o brinde por nós oferecido, e tenham em conta que elle é deveras importante e luxuoso para uma publicação, que apenas conta pouco mais de um anno de existencia.

Para o 2.º anno, o brinde ainda será superior e de molde a causar a maior e mais justificada das surpresas.

Num exame.

O examinador faz uma pergunta a que o examinado não responde.

—Acaso a minha pergunta vos causa embaraço?

O examinado, com firmeza:

—Não senhor, a pergunta não me embaraça;

o que me embaraça é a resposta.

—Mas, dizia uma dama ao marido, que lhe

criticava a *toilette*, que sabe um homem ácerca

dos vestidos da sua mulher?

O marido, encolerisado:

—O preço, minha senhora.

—Que queres tu ser quando fôres homem, Alberto?

—Quero ser soldado.

—Mas corres o risco de ser morto.

—Por quem?

—Pelo inimigo.

Alberto, depois de um momento de reflexão:

—N'esse caso, serei o inimigo.

O patrão d'um restaurant para um freguez:

—Então hoje esse bifeinho, que tal?

—Pequeno. Para a idade, acho-o pequeno.

Logica infantil.

Lili, que já gosta de apparentar a seriedade e discernimento de uma senhora perfeita, lê um jornal. De repente, pergunta ao pai:

—Papai, que quer dizer chronica?

—O que se passa, minha filha.

—Ora então porque é que não passa o catherro da avó minha. Se o medico já disse que é uma doença chronica.

Conselho d'Amigo...
 Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

CULTURA DE JARDINS E HORTAS

ABRIL

Jardins—As influencias fecundas da primavera tem principio n'este mez de abril. As plantas que no inverno estiveram abrigadas podem collocar-se ao ar livre.

Os jardins n'este mez devem ficar de todo preparados para receberem as plantas; as arvores e os arbustos todos podados.

Estando o tempo bom, é preciso não perder momento, activar por todos os meios possíveis o desenvolvimento das sementeiras, feitas no mez anterior, sachando, mondando e regando com estrume lquido as que estiverem mais atrazadas.

É conveniente n'este mez a regra dos jardins, que será feita de manhã para evitar os frios da noite, isto se o mez de março tiver sido secco tendo-se sempre em vista que as plantas ficam completamente lavadas.

Podem-se a nida fazer sementeiras, havendo todo o cuidado que as sementes sejam de boa qualidade, as que forem miudadas devem cobrir-se mui ligeiramente, algumas ha que basta a rega para as fazer adherir á terra e germinar; sendo conveniente que a terra esteja bem preparada, misturando-se-lhe tambem uma porção de terra preta.

Prepara-se o terreno destinado para os grupos de *calceolarias*, *tobelias* e *petargoniums*: isto em grandes jardins. Plantam-se *cravos*, *cravinas*, e fazem-se estacas. As *aurículas* e *polyanthas* exigem regas amidiadas.

Semeiam-se no local em que devem ficar, as *rosas noites*, *chagas*, *cyananthemum annuam*, *colinas bicolor*, *papoula dobrada*, *coropsis elegans*, *omothera*, *crismum*, *enckarydium*, *linum grandiflorum*, *cravina da China*, *cravos da India*, *er-*

vilhas de cheiro, *secias*, *minonetes salpi glossis*, *schizanthus patinatus*, *senecios*, *calceolarias*, *convolvulos*, *plumias* e muitas outras. Podem ainda dispor-se as cebolas de flores indicadas na mez anterior.

Um jardim bem cuidado já deve n'este mez, apresentar floridas todas as plantas da estação.

Recommenda-se a plantação da *eribotria japónica* (nespreira) não só como planta alimenticia e mas como planta ornamental.

Hortas—É a occasião de replantar nos viveiros as plantas que assim o carecerem, se o tempo estiver secco devem regar-se as plantas abundantemente, é preferível não regar a fazer uma rega mesquinha, isto tanto nas hortas como nos jardins. Semeiar milho, feijão, melancias e melões; plantar toda a casta de hortaliças e enxertar os *alamos de escudo*, *damaqueiros*, *perivas* e *pecegueiros*; regar e sachar. Começa a regar os *trios*; limpar as colmeias dos insectos, e cortar o vicio aos pomares. Devem terminar n'este mez os trabalhos dos viveiros, que consistem em cavar profundamente á enxada os quadrados, e sempre, sendo possível, em bom tempo. Cortar os rebentões dos *camilhos* enxertados no outono, afim de favorecer um vigoroso desenvolvimento a todos os enxertos.

MAIO

Jardins—Em maio devem continuar os trabalhos de jardinagem começados em abril. Haverá todo o cuidado em que os *rainunculos* e *tulipas* não murchem por falta de agua; as regas n'este mez é conveniente já serem feitas de tarde. Transplantam-se para os logares proprios as sementeiras feitas no mez anterior. Devem sachar-se os cantheiros e os vasos de cravos, estrumando-se com estrume bem consumido.

Neste mez devem formar-se os massicos do estio, que podem ser feitos de *dhalias*, *fuchsias*

geraniums, *heliotropiums*, *petunias*, *petargoniums* *zonas*, *verbenas*, *coletas*, etc., convém semear: *impatiens balsamina*, *campanulas*, *contarezza*, *clarissas*, *coropsis*, *cuphea purpurea*, *eschscholtzia californica*, *cheiranthus cheiri*, *matiola incana*, *malcolmia maritima*, *lupinus lupini*, *niemophila insignis* e *maculata*, *petunia violacea* var., etc.

Neste mez, um jardim bem tratado deve estar cheio de flores.

Hortas—Durante este mez deve desenvolver-se uma grande actividade no amanho das hortas, amuldar as transplantações, as sachas e as mondias. No meado d'este mez, devem começar as regas, que já podem ser feitas de tarde pois não ha que recear dos frios da noite.

Plantar as pevides azedas, cebolas, hortaliças, *limoeiros* e *larangeiros*; envter de escudo *pecegueiros*, *damaqueiros*, *cideiras* e *larangeiros*, podem ainda plantar-se *morangueiros*.

Neste mez deve-se começar a enxofrar os vinhedos; a segunda enxofração deve ter logar quando os bagos estejam do tamanho de chumbo de caça, e a terceira quando tenham atingido o tamanho de um grão de ervilha. As enxofrações devem ser feitas em dia secco, quente, sol claro e vento brando.

Em uma foja de barbeiro.

Entra um sujeito desaperado com uma dor de dentes.

—O mestre, tira-me já este dente.

Official para a frente. O padecente é mandado sentar e aquelle mettendo-lhe o ferro á bocca, em logar de um, tira-lhe dois dentes.

—Que diabo fez você?... Arrancou-me dois dentes, doendo-me só um!

Volta-lhe o official:

—Challe-se homem. Oihe que se o mestre o ouve, ainda por cima vem a psagar por ambos.

O CARTAZ DA QUINZENA

D. Maria.—No dia 1, a excellente peça de Marcellino Mesquita—*Sempre noivo*, que se representará tambem nos dias 3, 5, 7, 8, 10, 14 e 15. No dia 3, em beneficio dos actores Nobre e Senna, o drama *Catharina*, de Lavedan, que tanto agrado alcançou desde a primeira representação.

Ahi tem, pois, o publico uma quinzeana brilhantissima e como poucas vezes se lhe proporciona.

D. Amelia.—Para beneficio do illustre actor João Rosa, sób brevemente á scena o drama em 3 actos—*Os Desencados*, cuja distribuição é a seguinte:

Trindade.—Brevemente teremos n'esta popular casa de espectaculos a revista *Ramercão*, original de Accacio de Paiva e Esculapio, com musica do inspirado maestro Cyraco de Cardoso. A revista tem 3 actos e 12 quadros repletos de scintillante *verve*. O guarda roupa é segundo consta, de primeira ordem, assim como a scenographia, que é primorosa.

O publico vive, pois, passar noites agradabilissimas e como ha muito não logra obter.

Gymnasio.—Antes do dia 15, e para beneficio de Leopoldo de Carvalho, sób á scena n'engradadissima comedia *Foco de visitas*, de Freyer e Gollas, traducção de Mello Barreto.

Esta comedia, uma verdadeira fabrica de gargalhadas, é assim distribuída:

Ernesto Campistred.....	Telmo.
Jack Borchester.....	Imenco.
Laçourde.....	J. d'Almeida.
O director.....	M. Franco.
O commandante.....	Cardoso.
Berly.....	Sarmento.
Boutard.....	Anibal.
Destailleurs.....	Alves.
Placodet.....	Ferreira.
Um continuo.....	Salles.
Um alfayate.....	Lemos.
Um marujo.....	Lima.
Maid.....	Beatriz.
Gribichette.....	Josepha.
Diana L'aveue.....	Juliana.
Hounguetta Besançon.....	Adelia.
Dorothea.....	V. Farrusco.
Giri.....	Sophia.

Chamkard.....	Eduardo Brazão
Livray.....	João Rosa.
Birral.....	Augusto Rosa.
Mr. Malines.....	Augusto Antunes.
Nogues.....	Antonio Pinheiro.
De Atique.....	C. d'Oliveira.
O sub-proffeta.....	João Gil.
Um continuo.....	C. Hayward.
Creado.....	F. Salles.
Joanna.....	Maria Pia.
Lana de Giroflex.....	Rosa Damasceno.
Nicole.....	Amelia Pereira.
Um accreado.....	N. N.

Avenida.—A *Viagem de Sirette* continúa obtendo grandes applausos, e como varinha de condão, a chamar o publico, que não se cansa de a ver, tão luxuosa e engradadissima ella é.

Antes do dia 15, subirá á scena, em beneficio de Cletiano Reis e Encarnação Reis, a comedia em 3 actos *Talheres de prata*, traducção de E. Schwabach, e á qual podemos agourar uma larga permanencia no cartaz.

Colyseu dos Recreios.—No proximo dia 14, estreia-se a grande companhia lyrica, para a qual estão já contratados artistas muito distinctos. Santos Junior partiu já para Hespanha e Italia, afim de completar a formação da companhia, que, *segundo se acredita*, deve ser a melhor que se tem ouvido fóra do theatro de S. Carlos. E' com a maior anciedade que todo o publico de bom gosto espera pela noite de 14, para se deliciar com a inspirada musica dos melhores maestres italianos.

Real Colyseu.—Estão-se ultimando varias contractos, afim de se fazer a inauguração d'esta casa de espectaculos, com uma companhia portugueza de canto. Por enquanto, porém, nada se sabe de positivo. Contudo, podemos desde já agourar grandes lucros á empresa, visto que os seus projectos são verdadeiramente extraordinarios.

Bato.—Continúa a ser representada com geral agrado e applausos em bnda, a engradadissima revista *A Parodia*, original de Baptista Diniz. O scenario é encantador, o desempenho *hoy-hoy* e os usos de espirito succedem-se, obrigando a rir o mui caricado machocista. *A Parodia* é, pois, o remedio mais efficaz para quem deseja esquecer, por momentos, as contrariedades da vida, e rir á farta durante algumas horas.



PROVAE OS DELICIOSOS
VINHOS DO PORTO

DE
Constantino d'Almeida

ESTEVAO NUNES & FILHOS
Typographia
OFFINAS A VAPOR
18 a 24, R. Assumpção, 18 a 24
LISBOA

CAIXA POSTAL N.º 54

103

EDIF. TELAS CAVILHAS

A MAIS ANTIGA MERCEARIA DO ESTADO FUNDADA EM 1860
Dias d'Oliveira & C.^a — Vinhos, conservas, generos de 1.^a qualidade.—A primeira n'este genero.
— Promptidão nas encomendas, garantia nas vendas.
Filial—Rua Theodorico Sesto—Mañãos—RUA INSTALÇÃO, 12



MANOEL CANICEIRO DA COSTA
CARPINTERIA E SERRARIA A VAPOR
O mais antigo estabelecimento do norte do Brasil
Foi fundado em 1870

Promptidão, rapidez e modicidade de preços

Grande Deposito De materias para construção civil e naval

RUA DA INDUSTRIA, 124—PARÁ

Endereço telegraphico—CANICEIRO

Caixa postal—N.º 63

GRANDE HOTEL METROPOLE

O maior da Capital, construído de acordo com o clima do paiz, e situado nas faldas do Corcovado.

Possua todas as condições hygienicas e as mais confortaveis salas e aposentos para familias e cavalheiros

Gerente

CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

181, Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO



Nova sapataria da moda
Victor Gomes & Pedrosa

OFFICINA E REPARAÇÃO

47, Rua de S. Nicolau, 49

abrigo na rua

201, R. de S. da Bandeira, 203

REPARAÇÃO DE PIEL

1.^a Avenida Pedreira, Caixa postal 204



REGISTRADA
MARCA

MANUFACTURA DE CALÇADO

EM TODOS OS GENEROS

Espectaculo para o Bello, a Arte

de fabricar

Deposito geral—R. de Assumpção, 108

© U. B. R. Almeida, 68

AMAZONENSE

DIRECTORIA

Presidente — Coronel Antonio de Miranda Araujo

Secretario — Alfredo Bastos

Gerente — Alberto Moreira Junior

Medico-Chefe — Dr. Menezio Quadros

Banqueiro — Banco do Amazonas

Companhia de Seguros

SOBRE A VIDA

Séde social: Rua Municipal, 68 — MANÁOS

Telephone n.º 230 Caixa Postal n.º 66-A End. Teleg. AMAZONAS

Unica com séde no Estado do Amazonas
Unica que paga sempre os seus sinistros
imediatamente após a exhibição
das provas legaes
Unica sociedade em que os segurados
participam dos lucros
Unica em que os habitantes do Amazonas e
devem fazer seguros

Soares Irmão & C.ª

MATRIZ
CASA HAVANEZA
Rua da Installação, 7
Vendas
por grosso

Importação directa de todas as praças
Caixa postal n.º 42
Ender. teleg. HAVANEZA
MANÁOS

FILIAL
O Barbeiro Elegante
Rua Municipal, 28
Vendas
a varejo

Permanente deposito de charutos, cigarros
e fumos de todas as procedencias.

Piteiras, bolsas para fumo, e outros artigos
para fumantes. Miudezas.

Completo sortido em artigos para homens
e em objectos para viagem. Especialistas em
roupa branca portugueza. Perfumarias.

VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO
Premiados nas exposições
LONDRES, 1862; PORTO, 1866 e PARIS, 1867 e 1878
ANTIGA CASA
João Eduardo dos Santos
Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem
ser considerados genuinos e authenticos, quando
tiverem nos rotulos, capsulas, rolbos, caixas ou cascos, a marca de
commercio registrada, de que uso.

A VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto.

Caixa Postal
290

UNIÃO PARAENSE

Ender. teleg.
UNIÃO

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Séde: Pará — BRASIL — T. da Industria, 13

DIRECTORIA

Presidente — Bernardo Ferreira de Oliveira

Vice-presidente — José Marques Braga

Thesoureiro — Manuel Elpidio d'Andrade

Medico — Dr. Luciano Castro

Secretario — Constantino Quadros de Car-
valho

GERENTE

FRANCISCO COUTINHO JUNIOR

ADVOGADO

DR. FILIPPE JOSÉ DE LIMA

Casa de liquidações

Rua Marechal Deodoro, 6-A

Manáos

PROPRIETARIO

Francisco Lucas de Almeida

Causa por demais conhecida. Não
precisa de reclamos, para se saber
que é a unica em especialidade de
artigos para homens, tais como cha-
peus de palha e feltro, calção fino,
camisas, meias, gravatas, etc.
Deposito permanente de bebidas su-
nacionares, charutos e goliabada su-
perior.

GABINETE HYDROTHERAPICO
DO DR. MAUPERRIN SANTOS
Médico BIRSEVONAS: J. Maupeirin Santos
e J. Ribeiro d'Almeida.
Installação hydrotherapica completa, duas
salas de duchos para homens e mulheres, insti-
lamente separadas e independentes, gabinete
suzero de electricidade e massagens.
Tratamento de doenças nervosas e de esta-
nago.
Aberto das 8 de 12 da manhã, 5 de 6 da tarde.
Entradas: C. de Duque, 20
C DA GLORIA, 15 — LIMBOA

Castro Matta & Irmão

CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeitas
Portuguezas

ENDER. TELCON. — ALDA.

C. do Correló 212

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ

LA BÉCARRE

F. CARNEIRO & C.^a

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences de escriptorio. Objectos artisticos para brindes. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49—LISBOA.

Ao Bazar da Industria

TAVEIRA BARBOZA & C.^a

R. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42—Caixa Postal n.º 482—BRASIL—PARÁ

Completo sortimento de artigos para escriptorio, papelerias, livros em branco, chapéus, instrumentos, cordões para violão. Cadeiras de madeira. Roupas feitas, perfumarias, holoques. Camar de viagem, bilhoetes, artigos para presentes.

GRAND RAYON DE MIUDEZAS

O systema de vender tudo com pouco lucro é absoluto no Bazar da Industria.

Vendas por atacado e a retalho

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 10

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 % de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/2 % de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 % á ordem e 3 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

Regulador da Madre, Beirão

Approvedo pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

Para doencas proprias das senhoras. Regularisa os fluxos mensaes, quando escassos ou excessivos e allivia as penosas dôres, que quasi sempre os acompanham. Recomenda-se tambem como excellente calmante nos accessos nervosos e hystericos que frequentemente procedem ou acompanham os periodos mensaes.

DEPOSITO

DROGARIA BEIRÃO

DE

CARVALHO LEITE & C.^a

103—Rua do Conselheiro João Alfredo—103

PARÁ

Licor de café Beirão

Approvedo pela illustrada Inspectoria de hygiene do Rio de Janeiro e Estado do Pará

Celebre remedio contra sesões

Sempre certo!!! Sempre efficaz!!!

O CAFÉ BEIRÃO, ao que se sabe, começou a fazer a sua reputação sózinho, em silencio, sem arruído, até que com os seus proprios merecimentos tendo adquirido uma grande reputação, a sua fama fez echo na imprensa, porque as pessoas curadas quizeram fazer publico o seu reconhecimento, pois a saúde é o melhor dos bens que o céo nos pôde conceder.

O CAFÉ BEIRÃO cura as febres graves agudas, febres puerperales, typhus febre biliosa, cerebral, febres chronicas, endemias e contagiosas, febre lenta, nervosa, febre depois do parto ou puerperal, febre proveniente de golpes, queimaduras do sol ou do fogo, de benignas, sarampo, etc., etc.

O CAFÉ BEIRÃO VERDADEIRO cura as febres intermittentes, malarias ou seões, tão radicalmente, com tal promptidão e sem recalhadas, que hoje a sua fama de **santo remedio Beirão** é universal.

DEPOSITO

Drogaria Beirão

DE

Carvalho, Leite & C.^a

103—Rua do Conselheiro João Alfredo—103

PARÁ

Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

PARA

Montenegro Ferreira & C.^a

Successores da antiga casa

RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.^a

Fundada em 1320, e que tem a sua sede no

PARÁ, Boulevard da Republica, 44

FILIAL EM MANÁOS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhedos do Alto Douro produzem a uva abençoada de que se extrah o **Vinho Ventura**, o unico que, com vantagem incontestavel, se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas convalescencias, nas digestões difficil, enfraquecimentos, etc.

Como tónico está hoje reconhecida a efficacia do

Vinho VENTURA

CASA AVIADORA

Commissões e Consignações

DUARTE & C.^a

Representantes de Rocha Silva & C.^a

100

PARÁ

ANALIZADOR DE ESTRIBOS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS. — ESPECIALIDADE EM PUNHA E TABACOS. — COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
Rua Marechal Deodoro, 5 — MANÁOS

ALBINO JOSÉ BASTIEN — LISBOA. — O Sr. de Rua Nova do Almada tem sempre grande sortimento de chapéus para os dois sexos, em todas as formas e preços. Para mais informações e para saber em servir bem e por pouco dinheiro. Não sem visitar esse estabelecimento em Lisboa.



Coimbra & C.^a
FABRICANTES DE CALÇADO

Fornecedores da Casa Real
E dos principaes casas de Paris

EXPORTADORES para a AFRICA E BRASIL
homens e crianças nas FILIAES:

Rua do Príncipe, 124 — Rua Nova do Carmo, 94

Officinas — R. do Jardim do Regedor, 33 a 31 — LISBOA

Grande sortimento de calçado de toda a espécie para senhoras,



AGUA CARBO GAZOSA

DAS

LOMBADAS

S. Miguel (Açores)

A RAINHA DAS AGUAS DE MESA

LEVE, ESTOMACAL, DIGESTIVA

A mais pura e mais barata, garrafas e rolhas entorrilhadas.
Pedir tabelhas de preços e condições de venda a Meyrelles & C.^a, fornecedores da Casa Real Portuguesa, e de S. A. S. o Príncipe Reizante de Monaco.

174, RUA DO ARCO BANDEIRA, 178

LISBOA

AO PALAIS ROYAL

JOIAS

GRANDE BAZAR

MACHINAS DE COSTURA

Variedade de pedras preciosas desde o brilhante de pura agua á mais modesta amethysta.

Phantasias em adreços e em obras de ouro

A. PINTO DA CUNHA

CAIXA POSTAL, 124

Rua Conselheiro João Alfredo, 91 — PARÁ

VINHOS DO PORTO

Marca registrada

Santos Jun.
1872

Casa Fundada

1872

Premiada
com os primeiros
premio em todas
as exposições.

Pacheco Borges & C.^a

Importação

e exportação

Commercio e consignações

Rua 15 de Novembro, 47

PARÁ

SALOES
E QUARTOS MOBILADOS
PARA FAMILIAS

BANHOS
Quentes e Frios

Este estabelecimento de primeira ordem, situado no centro de todos os passeios e sinhal de banda, recommenda-se pela exactidão do seu serviço, acce, ead cidade em preços e cozinha franceza



HOTEL
SUL-AMERICANO

BAHIA-BRASIL

PROPRIETARIO

Antonio J. Alves



COMPAGNIE
des Messageries Maritimes
Paquebots post français
LINHA TRANSATLANTICA



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.

Para passageiros de 1.^a classe trata-se com José Antonio dos Santos & C.^a, Praça dos Remedios.

Para cartas, passagens e todas as informações, trata-se na agencia da Companhia, Rua Aurora, 22.
Pela Compagnie des Messageries Maritimes
Soe. Torredes.

Photographia

FIDANZA

PARÁ

Rua Conselheiro João Alfredo, 22

O mais antigo e acreditado estabelecimento do

Norte do Brasil

premiado nas exposições de Paris e Chicago.

Nitidez, perfeição e arte

Restaurant COELHO

◀ Largo de Santa Anna ▶

PARÁ

Proprietario — J. F. Vieira de Magalhães

O mais importante estabelecimento do Norte do Brasil. Serviço de primeira ordem, a toda a hora, dia e noite. Hotel no 1.º andar. Aposentos arejados. Preços modicos. Tratamento sem igual. Casa sempre apta a fornecer banquetes.

JOÃO BASTOS & C.^{TA}
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.º

CASA DE COMISSÕES**JOAQUIM FERREIRA DE CARVALHO & C.^a**

Importadores e Exportadores

DE GENEROS DE ESTIVAEndereço telegraphico — **Capital**Rua do Amorim, 33 a 35 — **PERNAMBUCO****OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO**

(MACHO e LIVRARIAS REPRODUZIDAS)

De JOÃO LOURENÇO PEREIRA

47, TRAVESSA DE CROMBEY, 47

(Próximo à Rua da Conceição)

PORTO

Executa-se, com a maxima perfeição, todo o trabalho concernente a esta arte. Envolvem-se mapas, fazem-se cartões, charuteiras, libretos, pastas para medicina, etc., etc., e encarregam-se tambem dos respectivos bordados a ouro, matiz, etc., para o que tem sempre devidamente habilitada.

O proprietario da officina responsabiliza-se pela perfeição de todos os trabalhos que lhe sejam confiados.

ANTONIO DO COUTO**ALFAIATE**

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa e Provincias do Continente

Sempre as ultimas novidades

RUA DO ALECRIM, 111, 1.º**LISBOA**

Tem sempre em deposito grande e variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

**Bilhares de precisão**

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA

MONARCH

Pannos, Tacos, Bolas e todos os accessorios

Jogos diversos de novidade — Cartas, Tectos e Fixas para todos os jogos

Viuva de José Alexandre de Senna

28 — Rua Nova de Almeida — 28

CASA FUNDADA EM 1864

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado

**LEAL, SANTOS & WALD**Fabrica de biscoitos
RIO GRANDE DO SUL

Provem os especiaes biscoitos

DO

RIO GRANDE

DE

LEAL, SANTOS & WALD

Qualidade e sortimento eguaes aos inglezes

Æ venda em todas as casas de primeira ordem

Endereço telegraphico — **ZULMIRA****Loja Pacheco**

DE

Deolindo Pimentel & C.^a

Sortimento completo em fazendas e artigos de novidade. Chapens, calçado fino, perfumarias, roupas feitas para senhores, homens e creanças.

Caixa postal N.º 364

Rua da Instalação, 24**Manáos**

OS MAIORES ATELIERS
EUROPA
GRAVURA
CARIMBOS
PAPELARIA
FREIRE-GRAVADOR
E OFFICINA DE
TIPOGRAPHIA
LITHOGRAPHIA
ENCADERNAÇÃO
158, 156, RUA DO OURO, 158, 156,
LISBOA (Portugal)

RESTAURANTE AMERICANO

P. C. DE VASCONCELLOS

J. DE S. MATHEUS, 24 — PARA

Serviço de primeira ordem. Accommodações luxuosas para viajantes. Aceito extremo. Iluminação electrica

TODOS OS CONFORTOS**ENXOVAES**

LOJA DA AMERICA
ARTHUR D'OLIVEIRA & GARCIA
ROUPARIA BRANCA

LISBOA — 206, Rua do Ouro, 208 — Rua d'Assumpção, 92, a 96 — LISBOA



MACHINAS
Bobina central

Em machina de costura é o que ha de mais maravilhoso.
E' propriedade exclusiva da importante e acreditada Companhia Fabril "Singer".
A machina **BOBINA CENTRAL** reune as grandes qualidades essenciaes de velocidade, duração, formosura, perfeição e firmeza de ponto.

A PRESTAÇÕES E A DINHEIRO
105, Praça do Loreto, 107—LISBOA
Largo do Conde Barão, 86—Calçada da Graça, 10
111, Rua da Junqueira, 111

GRANDE FABRICA DE COROAS

Flores artificiaes

Premiada com medalhas de ouro em diferentes exposições nacionaes e estrangeiras

T. Delpart Succ.^{es}

Rua 84 de Bandeira, 249

PORTO

Telegrammas «VILLE-PORTU»

FILIAL EM LISBOA

Rua da Prata. 100

COIMBRA—Ergo de D. Carlos

FIGUEIRA—Ergo de Cambes

BRAGA
Pinheiro & C.^a
SANTARÉM
Ferreira & Teixeira


Fabrica Confiança

R. CUNHA & C.^a

145, RUA DE SANTA CATARINA, 155
PORTO

Grande e agendada exportação para os Estados Unidos da America e Africa

De camisas, ceroulas e todos os artigos de roupa branca para homens, senhoras e creanças

Sortido completo e permanente
Execução rapida e apuradora de qualquer encomenda

E' a maior e mais notavel fabrica de roupas brancas da península

Premiada com medalhas de ouro nas exposições a que tem concorrido

Endereço telegraphico—CONFIANÇA

Manteiga Burnay

Aviso aos entendedores e ás donas de casas

Para fazer Boa Cozinha

Éprec iso boa manteiga pura

USE

A Manteiga Burnay

A venda em todas as principais mercearias de Lisboa

AGENTE GERAL

JOÃO BASTOS JUNIOR

235, Rua dos Fanqueiros — LISBOA

DEPOSITARICIS EXCLUSIVOS

João Luiz Fernandes & C.^a—R. da Prata, 28 a 288, Lisboa.
Jeronymo Martins & F.^{as}—R. Garrett, 13 e 15, Lisboa.
José Afonso Vianna & C.^a—Largo Camões, 33 e 34, Lisboa.
R. D. de Campos—R. da Prata, 187 a 191, Lisboa.
Alves Diniz, Irmãos & C.^a—R. S. Julião, 92 a 106, Lisboa.
Seb. Corrêa Saraiva Lima—R. de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.

Pernambuco Powder Factory

FABRICA DE POLVORA

ESCRITORIO

Rua do Commercio, 6

(HERMAN-ZUNDGER)

PERNAMBUCO

NUNES & NUNES Cambios e Papéis de Credito

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: DOISNUNES

95, RUA DO OURO, 97 — LISBOA

LA UNION Y EL PENIX ESPAÑOL

Capital social 3.400.000\$000 rs.

13.600.000\$000 REIS

De estatuto pago desde 1904 até 1905

PREMIOS Y RESERVAS 8.993.000\$000

Seguros contra inundo, explosão de gas ou raios

Equateur Atlantique & Union Maritime

Companhias francezas contra os riscos marittimos e riscos de transporte de qualquer natureza.

DIRECTORES—Lima Mager & Filhos

LISBOA—Rua da Prata, 89, 1.^o

INTERNACIONAL

Companhia portuguesa de seguros

SÉDE EM LISBOA

100, Rua Aurea, 1.^o

Effectua seguros marittimos e contra o risco de fogo, gaz e raio.

Agencias nas principais povoações do paiz

Directores

Raphael de Mello Amaral.
Visconde de Mongualde.
Carlos Alfredo Romano.


AGUAS DE CARABANA

PERNAMBUCO—FABRICA DE AGUAS DE CARABANA, ART. BURGUES.

12 MEDALHAS DOURADAS E DOPLOAS D'ORNA

As Aguas de Carabana são vendidas com a marca que apparece na etiqueta.

A VENDA EM PORTUGAL é feita por

RIBEIRO DA COSTA & C.^a
190, Rua do Arsenal, 192—LISBOA

A Sul-America

Companhia de seguros sobre a vida

Capital	5.000.000\$000
Reserva	2.000.000\$000
Receita annual	3.000.000\$000

A SUL-AMERICA

Succursas brasileiras

- Pará e Amazonas** — na Minas Musical, Gil Augusto de Novaes Rodrigues, representante.
- Maranhão** — Representantes: S. Luiz, José Pedro Ribeiro & C.ª; Caxias, maior Odorico Sinual de Moura.
- Piauí** — Jonas Corrêa & C.ª, Parnahyba.
- Ceará** — Caixa 26, fortaleza, commençador Alfredo Garcia, representante.
- Rio Grande do Norte** — Otiliano A. Garcia, Natal.
- Parahyba do Norte** — Lemos & C.ª
- Pernambuco** — R. Marquez d'Oliveira, 36, Recife, Helderfonso Simões, representante.
- Sergipe** — Luiz Schmidt, Maroim.
- Bahia** — Escritorio no edificio da Associação Commercial, representantes: F. A. Harselmann & C.ª
- Espirito Santo** — João Aprigilo Aguirre, Victoria.
- Minas Geraes** — Arthur Carvalho do Nascimento, inspector, Juy de Fóra.
- S. Paulo** — Escritorio, rua 15 de novembro, 34, Manuel C. Costa, inspector.
- Paraná** — Manuel de Miranda Rosa, representante geral, Curitiba.
- Santa Catharina** — Carl Hoepke & C.ª, Florianopolis.



COMPANHIA DE SEGUROS SOBRE A VIDA

56, Rua do Ouvidor, 56

66, Rua da Quitanda, 66

RIO DE JANEIRO

A mais importante da America do Sul

A unica **Companhia Brasileira** que funciona em todas as Republicas d'este continente, e onde tem merecido a confiança do publico. Os balanços que **A Sul-America** publica annualmente com toda a pontualidade, demonstram que tem effectuado mais seguros e que oferece muito maiores garantias para cada conto de reis segurado, do que qualquer outra companhia.

A Sul-America espalhando profusamente seus ramos pelos diversos Estados da União Brasileira e Republica do continente Sul-Americano, não está exposta aos desastrosos effeitos de epidemias, ou a excessiva mortalidade produzidas pelas moléstias endemicas, como pôde succeder com as Companhias que operam unicamente em certas e determinadas zonas.

A Sul-America é a unica companhia que emite apólices com amortizações semestrais, systema pelo qual os seguros são remidos na razão de um por cento em cada semestre.

- Rio Grande do Sul** — Rua dos Andradas, n.º 296, Porto Alegre, dr. Bento Cavalante, gerente.
- Goyaz** — Rua do Mercado, Goyas, Luiz Guedes de Amorim, representante.
- Mato Grosso** — Travessa Villas Boas, 8 A, Caetano Carlos Galvão, representante.

Succursas estrangeiras

- Republica Argentina** — Avenida de Mayo, 623, Buenos-Ayres, directores locais: dr. Carlos Navarro Lamarcia e J. J. Dowson.
- Uruguay** — Zabala, 109, Montevideo, Jorge Percy, gerente.
- Paraguay** — W. Harrison, representante, Assumpção.
- Peru** — Calle Coca, 70, Lima, directores locais: Augusto Leguía e Francisco Espinosa.
- Bolivia** — Calle Santo Domingos, 13, Cochabamba, Victor Crespo, representante.
- Equador** — Calle Aguirre, Guayaquil e Quito, L. de Nicolais d'Alvarez, gerente.
- Europa** — Representantes e banqueiros
- Paris** — Le Avenue d'Iéna.
- Londres** — Coulon, Berthoud & C.ª, 41, Threadneedle Street.

Casa Fundada em 1886

JOSÉ MENDES LEITE & C.

DEPOSITO DE INSTRUMENTOS DE MUSICA

13, Rua 15 de Novembro, 13

DO PRIMEIRO A PRIMEIRO INSTRUMENTO DE MUSICA

Instrumentos de Musica

DE
ACCESORIOS PARA OS MESMOS

NO GENERO

UNICA CASA DE CONFIANCA

Especialidade
em cordas para violino,
rabecas e violas

Endereço telegraphico

«Mendes»

Caixa no correio

N.º 455



Registrada por despacho da Meritissima Junta Commercial de 6 de Maio de 1897 sob o n.º 10.



Este estabelecimento, que é, no seu genero, o primeiro de todo o Estado do Pará e do Norte do Brasil, importa directamente todos os instrumentos de musica, de metal e de madeira, e encarrega-se de quaesquer encomendas.

O seu proprietario, José Mendes Leite, garante a qualidade, a solidez, perfeição e afinação normal de todos os instrumentos. Dirigir todos os pedidos a

José Mendes Leite & C.

Rua 15 de Novembro, n.º 13

PARÁ

New Zealand Store

Casa especial de viveres, molhados finos e mais generos concernentes a este ramo de negocio

Importação directa

*Recebem generos pelos vapores frigorificos,
de Southampton e Rio da Prata*

COELHO, DIAS & C.^a

**RUA DO OUVIDOR, 37
RIO DE JANEIRO**

SANTOS & MAGALHÃES

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

ARTIGOS DE ESCRITORIO

Trabalhos typographicos em todos os generos

OFFICINA A VAPOR

10-RUA DA PRATA-12

— LISBOA —

HOTEL ALLIANÇA

FUNDADO EM 1848



PROPRIETARIOS

Gotuzzo & Agrifoglio

Rua 15 de Novembro — 218

PELOTAS — Estado do Rio Grande do Sul

Brasil

CONSULTAS

Das 8 da manhã
às 6 da tarde

JOAQUIM CEZAR PAIVA

Cirurgião-Dentista

CONSULTAS

Gratis aos pobres
Das 11 às 12

Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Especialista no tratamento de doçes de boca e dos maxillares

Rua da Palma, 40, 1.^o

Livraria Classica

Jayme & Camara

Typographia, encadernação e poutação. Fabrica de livros em branco e carimbos de borracha.

CAIXA POSTAL N.^o 169

Rua Theodoretto Souto

(Canto da rua Guilherme Moreira)

MANAOS

A Formosa Paraense



Estabelecimento de modas e miudezas, com

Importação

directa dos mercados europeus.

Fundado em 1864

Corrêa Miranda & C.^a

R. Conselheiro João Alfredo, 67

PARÁ

Ferragens

F. N. Santos & C.

Caixa postal N.^o 31

Deposito de todos os utensillios para artes e officios.

Sortimento completo de armas de fogo das mais afamadas fabricas. Foches portuguezes, francezes e americanas.

Aprelhoches para embromar, Machinas de costura SINGER.

Especialidade em cutilaria.

Praça 15 Novembro, 3

MANAOS

Consultorio Dentario
DOENÇAS DE BOCCA E DENTES

Saturio Augusto Paiva
Cirurgião dentista
pela Escola de Paris

80, 2.º — Rua de Santa Justa — 80, 2.º

Consultas gratis aos pobres, das 10 ás 11 da manhã

Mala Real Portuguesa

ENREDEIRO TELEGRAPHICO Malareal

TELEPHONO EN.º 388

Correiras regulares para o Brazil no fim de cada mcz para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos, com escala pela Miséria.

Viajem rapida, pelos excellentes paquetes Malaner, Olivares Cabral e Rei de Portugal.

Magnificas acomodações para passageiros de todas as classes, grande salão, camarotes com dous beliches, grandes camarotes para familias, salão para senhoras, caasa de banho, de fumar, frigoriferos, luz electrica, et. etc.

Tratamento de primeira ordem.

Roga-se aos vrs. passageiros e carregadores o obsequio de dirigirem os seus pezos ao escriptorio da empresa.

LISBOA — Largo do Municipio, 7, t.º

NO PORTO

Para passageiros A. A. Henrique rua Alexandre Herculano, 234.

Para carga David José do Pinho, rua Nova d'Alfandega, 20.

Cambios
Loterias
Papéis
de credito

JOAO VIERLING & C.ª

LISBOA

R. do Arsenal
44 E 46
P. do Municipio
1, 2 e 3

PERFUMARIA FINA

Praça de D. Pedro, 104 — LISBOA

Reciben nova remessa de essencias finas e modernas, para leipo e banho

PÓ DE ARROZ, SABONITES ETC.

COMPANHIA DE EGUROS

FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

CAPITAL, 1.344.000\$000 réis

Em accções do capital nomin l de 1.000\$000 réis, com entrada de 50:000 réis por accção, sendo a responsabilidade permanente de accionistas, de 950\$000 réis.

Effectua seguros terrestres e maritimos na sede e nas agencias.

L. do Corpo Santo, 13
LISBOA

Cesar A. Paiva
CIRURGIÃO DENTISTA

DE
SUAS MAGESTADES E ALTEZAS

CONSULTORIO
Rua do Arsenal, 100, 1.º
LISBOA

Este hotel tendo passado por grandes reformas, dispõe de excellentes acomodações para familias e viajantes

Quartos para banho, mornos e de chuvia

ENCOMENDAS PARA FÓRA

Banquetes, almoços e jantares particulares.

HOTEL DE FRANCE

Porto Alegre
270, RUA DOS ANJURADOS, 270
João Pedro Bourdette

ARMAZEM DE FAZENDAS

DO
ZÉ POVINHO

28, Largo de S. Domingos, 30
PORTO

Devoira-se o dinheiro aos compradores que julgam não ter feito boa compra nesta casa

O proprietario d'este estabelecimento continua a prevenir o publico em geral q' não com pre nenhum artigo sem verem o ministro o sortimento de preços baratos porque são vendidos os existentes no seu estabelecimento Para as quozas se pede toda a attenção. — JOSÉ MARIA SIMOES.

VIUVA WENCESLAU GUIMARÃES & C.ª

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas Caixa do correio
Wenceslau Rio N.º 272

R. da Alfandega, 83

RIO DE JANEIRO

A RESTAURAÇÃO

DE

Deposito de fogos para salão Farnaba, vinhos finos e communs

Gonçalves & C.ª

MERCERIA, BOTEQUIM E FUMOS

Casa especialist. em bebidas e conservas estrangeiras: Importação directa: Commissões e consignações: Caixa postal, 190.

Instalação, 8 — Manãos

GRANDE FABRICA DE MOVEIS

Marceneria 1.º de Dezembro

Rua da Rosa, 168 — LISBOA
Telephone 883.

Reis Collares & C.ª

MARCENEIROS CONSTRUCTORES

Este importante estabelecimento, o primeiro do paiz n'este genero, tem sempre os seus vastos salões em **exposição permanente e franca ao publico**, magnificas mobílias para quartos de dormir, casas de jantar, escriptorios, gabinetes, etc., das mais lindas e preciosas madeiras tanto nacionaes como estrangeiras, fabricadas sempre pelos mais modernos desenhos, assim como se encarrega de toda e qualquer encomenda por maior que seja a sua importancia, satisfazendo-a com a maxima pontualidade, tanto para o reino como para o

Brasil e Africa.

Especialidade em mobiliarios completos para casamentos

Os proprietarios d'este estabelecimento responsabilizam-se sempre em **QUALQUER EPOCHA** pela boa construção e acabamento dos seus artefactos,

A via francho para vapores e para o interior do Estado